



UNIVERSIDADE DO PORTO

FACULDADE DE DESPORTO

RELATÓRIO DE ESTÁGIO PROFISSIONAL

Aprender a Ser Professora

Relatório de Estágio Profissional apresentado à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto com vista à obtenção do 2º ciclo de Estudos conducente ao grau de Mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário (Decreto-lei nº 74/2006 de 24 de março e o Decreto-lei nº 43/2007 de 22 de fevereiro).

Orientadora: Prof.^a Doutora Elisa Marques

Verónica Sofia Mascarenhas da Silva

Porto, setembro 2013

Ficha de Catalogação:

Silva, V. (2013). *Aprender a Ser Professora*. Porto: Verónica Silva. Relatório de Estágio Profissionalizante para a obtenção do grau de Mestre em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, apresentado à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

PALAVRAS-CHAVE: ESTÁGIO PROFISSIONAL, EDUCAÇÃO FÍSICA, FORMAÇÃO INICIAL, DESPORTO, FUTSAL.

*"Posso ter defeitos, viver ansioso e ficar irritado algumas vezes,
Mas não esqueço de que minha vida é a maior empresa do mundo.
E que posso evitar que ela vá a falência.
Ser feliz é reconhecer que vale a pena viver
Apesar de todos os desafios, incompreensões e períodos de crise.
Ser feliz é deixar de ser vítima dos problemas e
Se tornar um autor da própria história.
É atravessar desertos fora de si, mas ser capaz de encontrar
Um oásis no recôndito da sua alma.
É agradecer a Deus a cada manhã pelo milagre da vida.
Ser feliz é não ter medo dos próprios sentimentos.
É saber falar de si mesmo.
É ter coragem para ouvir um 'não'.
É ter segurança para receber uma crítica, mesmo que injusta.*

*Pedras no caminho?
Guardo todas, um dia vou construir um castelo..."*

Fernando Pessoa

Agradecimentos

À Professora Orientadora, Doutora Elisa Marques, pela sua disponibilidade e franqueza durante este ano de formação.

Ao Professor Cooperante, Mestre Fernando Cardoso, pela sua paciência diária, pela partilha de experiências e por acreditar sempre que iria atingir os meus objetivos.

À Professora Carina, pela disponibilidade incrível e pelo enorme auxílio na realização do estudo.

Ao Professor Pimentel, por me integrar no seu grupo de Desporto Escolar e por todas as conquistas que partilhamos e festejámos euforicamente na piscina.

Aos meus colegas de Núcleo de Estágio, Jorge e Rui, por toda a amizade, apoio e pelas inúmeras conversas que tivemos relativas ou não à nossa formação profissional. Não poderia também de deixar de agradecer ao colega do outro núcleo, Pedro Ferreira, pela disponibilidade que sempre teve quando precisei da sua ajuda e pelo companheirismo durante o nosso torneio.

Ao meu colega de turma, João Pinto, pela fantástica aula de Judo, pela sua disponibilidade e pela sua personalidade carismática.

Aos meus alunos, que apesar de esgotarem toda a minha energia diária vão permanecer para sempre na minha memória e no meu coração. Quando me lembrar de vocês vou sempre esboçar um sorriso “meus meninos”.

Aos melhores colegas de turma que tive em toda a minha vida, “Os Sobreviventes”, por todos os momentos de alegria e espírito de grupo que me proporcionaram.

À Bárbara e à Vanessa N., pelas suas personalidades espontâneas, por me fazerem rir com as suas brincadeiras e chorar com os seus dramas, e principalmente por me envolverem com toda a sua sincera amizade.

À Joaquina, à Teguiho e à Vanessa P., pelo seu companheirismo e apoio incondicional ao longo de todos estes anos de amizade. Sem vocês não era a mesma coisa irmãs!

Ao Cardigos, por todo o seu amor, carinho, dedicação, compreensão e por me incentivar sempre mesmo quando a motivação se esconde.

Ao meu irmão, desculpa a mana se às vezes não te dá a atenção que precisas, mas sabes bem que és das pessoas mais importantes da minha vida.

Aos meus **PAIS**, pela educação que me deram e por sempre me incutirem a importância dos estudos na minha vida. Graças ao seu apoio incondicional alcancei um dos meus maiores sonhos.

Um sincero OBRIGADA a todos!

Índice Geral

Agradecimentos	V
Índice Geral.....	VII
Índice de Quadros.....	IX
Índice de Figuras	XI
Índice de Anexos	XIII
Resumo	XV
Abstract	XVII
1.INTRODUÇÃO	19
2.ENQUADRAMENTO PESSOAL.....	5
2.1 Reflexão Autobiográfica: Percurso e Atualidade	7
2.2 O Significado do Desporto.....	9
2.3 Expetativas em Relação ao Estágio Profissional	10
2.3.1 Pessoal.....	10
2.3.2 Os Alunos.....	11
2.3.3 Os Professores	12
3.ENQUADRAMENTO DA PRÁTICA PROFISSIONAL.....	15
3.1 O Valor e a Finalidade da Educação	17
3.2 A Formação do Professor.....	19
3.3 A Educação Física Escolar.....	21
3.4 Contexto da Prática Pedagógica	24
3.4.1 A Cidade.....	24
3.4.2 A Escola	25
3.4.3 O Núcleo de Estágio.....	27
3.4.4 A Minha Turma.....	28
3.4.5 A Turma do Curso Profissional.....	29
4.REALIZAÇÃO DA PRÁTICA PROFISSIONAL	33
4.1 Do Planear ao Concretizar	35
4.2 Gerir e Rentabilizar o Tempo de Aula Otimizando a Instrução.....	39

4.3 Aplicação do Modelo de Educação Desportiva	42
4.4 A Importância das Reflexões e das Observações	45
4.5 O Peso da Avaliação	49
4.6 As Aulas “Diferentes”	52
4.6.1 A surpresa.....	52
4.6.2 A dúvida	53
4.6.3 A certeza.....	54
4.7 Envolvimento Feminino no Futsal: Grupo de Desporto Escolar – Escola Secundária de Rio Tinto	56
4.7.1 Resumo.....	56
4.7.2 Introdução	57
4.7.3 Grupo de Estudo.....	58
4.7.4 Metodologia	59
4.7.5 Apresentação e Discussão dos Resultados	61
4.7.6 Conclusões	78
4.7.7 Referências Bibliográficas	80
5.PARTICIPAÇÃO NA ESCOLA E RELAÇÃO COM A COMUNIDADE	83
5.1 Torneio de Futsal	85
5.2 Corta-Mato Escolar	87
5.3 Compal Air.....	88
5.4 Desporto Escolar	89
5.5 Centro de Recursos	92
5.6 Sala de Integração do Aluno (SIA)	94
6.CONSIDERAÇÕES FINAIS E PERSPETIVAS PARA O FUTURO	95
7.BIBLIOGRAFIA	101
8. ANEXOS	CVII

Índice de Quadros

Quadro nº 1: Distribuição das participantes segundo a idade e a frequência do ano escolar.....	76
---	----

Índice de Figuras

Figura 1: Motivações para a prática de Desporto Escolar.....	62
Figura 2: Motivações para a escolha do Futsal.....	64
Figura 3: Fatores Físicos que conferem sustentabilidade à prática de Futsal no Desporto Escolar.....	66
Figura 4: Fatores Físicos que conferem sustentabilidade à prática de Futsal no Desporto Escolar.....	69
Figura 5: Objetivos das atletas no Futsal.....	72
Figura 6: Modificações na vida das atletas proporcionadas pelo Futsal.....	73
Figura 7: Estereótipos Sociais envolventes à prática do Futsal.....	76

Índice de Anexos

Anexo I – Guião da Entrevista..... CXXIX

Anexo II – Codificação dos dados obtidos..... CXXXIII

Resumo

O Estágio Profissional está inserido no 2º ciclo de estudos conducente ao grau de mestre em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, sendo composto pela Prática de Ensino Supervisionada e pelo Relatório de Estágio. O presente documento retrata de forma escrita o conjunto de vivências ao longo do ano letivo 2012/2013 e oportunidade de poder realizar a prática de ensino supervisionada na Escola Secundária de Rio Tinto a uma turma do 10º ano de escolaridade. Este relatório encontra-se dividido em quatro pontos fundamentais, sendo que o primeiro é o enquadramento pessoal onde se realiza uma breve reflexão autobiográfica, uma abordagem ao significado do desporto e as expectativas em relação ao estágio profissional. O segundo ponto, referente ao enquadramento da prática profissional, reporta-se à caracterização do estágio profissional, abordando o valor e a finalidade da educação, a formação do professor, a relevância da educação física escolar e o contexto da prática pedagógica (a cidade, a escola, núcleo de estágio, a minha turma e a turma do curso profissional). O ponto seguinte apresenta as vivências da realização da prática profissional, relacionada com os pontos mais importantes e mais difíceis que tive de enfrentar, desde o planeamento à concretização das aulas, a sua gestão e a instrução, o modelo de educação desportiva, as reflexões e observações, a avaliação e as aulas com atividades que para os alunos seriam uma novidade, e que, por sua vez foram sinónimo de aulas com uma alegria e uma motivação extra. Neste ponto quatro, também é referida a participação na escola, a relação com a comunidade e o estudo de investigação-ação em que o tema surgiu após um pequeno obstáculo encontrado durante o percurso. Por fim, no último ponto encontram-se as considerações finais e as perspetivas para o futuro de uma futura Professora.

PALAVRAS-CHAVE: ESTÁGIO PROFISSIONAL, EDUCAÇÃO FÍSICA, FORMAÇÃO INICIAL, FUTSAL FEMININO, DESPORTO ESCOLAR.

Abstract

The traineeship is included in the 2nd cycle of study, leading to a master's degree on Teaching Physical Education in Primary and Secondary School, by the Faculty of Sports University of Porto. It combines the practice of Supervised Teaching and an Internship Report. This document, the Internship Report, describes in a written way a set of daily base experiences that took place throughout the school year 2012/2013 and the opportunity to perform supervised teaching at the School of Rio Tinto, specifically a 10th grade class. This report is divided in four main points, being the first one is the personal framework where it's made a brief autobiographical reflection, an approach to the meaning of sports and also expectations upcoming from the internship itself. The second point is related to the professional practice and it refers to the same characteristics of the professional internship, addressing the value and purpose of education, as well as the teachers' education, the importance of physical education and teaching practice (according to the city, school, core training, my teaching class and the class from the professional course). The last section presents the life experiences derived from the professional practice, related to the most important and most difficult days and experiences I faced from planning to teaching lessons, its management and education, sport education model, reflections and observations, evaluation and lessons with specific activities that for some students would be something new, and that turn in some classes with joy and extra motivation. The fourth point is about participation at school, the relationship with the community and the research study, in which the theme came across after the contact with a small obstacle along the way. Ultimately, the chapter talks about final remarks and the prospects for the future, as a teacher.

KEYWORDS: INTERSHIP, TRAINEESHIP, PHYSICAL EDUCATION, INITIAL TRAINING, FEMININE INDOOR SOCCER, SCHOOL SPORT.

1.INTRODUÇÃO

“Chegou a hora!”. Durante todo este ano de estágio era constante este pensamento na minha mente. Chegou a hora de começar o estágio, de conhecer os alunos, da primeira reunião de conselho de turma, de abordar a primeira modalidade do ano letivo, de avaliar os alunos, de me despedir deles e de todo um combinado de situações. Nesta minha nova etapa houve sempre um agrupamento de emoções, sentimentos e vivências que me colocaram à prova e que eu tentei sempre ultrapassar utilizando todos os instrumentos que me foram dados e ensinados ao longo da vida e da minha formação académica.

Este foi o momento em pude vivenciar duas situações em simultâneo, a de ser professora e aluna. Brito (2007) referenciou que os cursos de formação de professores devem transcender o paradigma tecnocrático, orientando-se em pressupostos formativos que busquem a interface nos conhecimentos profissionais, nas práticas quotidianas da escola e na realidade social na qual o processo ensino-aprendizagem ocorre e transcorre. Essa conceção de formação instiga reflexões sobre formar o professor na sua totalidade: como pessoa e profissional. Deste modo, a minha formação pós aluna e pré Professora neste ano letivo, contribuiu para um enriquecimento não só académico e profissional como também pessoal.

O ano de estágio é também a reta final de um caminho por vezes atribulado e carregado de desvios, de dúvidas e incertezas. Contudo, quando desejamos intensamente chegar à meta arranjamos forças onde nem sequer sabíamos que existiam e conseguimos ultrapassar aspetos secundários para alcançarmos a nossa verdadeira prioridade: o sonho de ser Professora. Assim sendo, reflito-me na frase referenciada por um dos heterónimos de Fernando Pessoa “...tenho em mim todos os sonhos do mundo”.

Este Relatório de Estágio é apenas uma reflexão complexa deste meu primeiro percurso que, com apenas uma réstia de esperança, pretendo continuar num futuro breve. Assim, desenvolvo alguns pontos de maior importância para que todo esse caminho ficasse relatado de forma simples e objetiva.

2.ENQUADRAMENTO PESSOAL

2.1 Reflexão Autobiográfica: Percurso e Atualidade

Nasci de uma família humilde, de classe média baixa, em que sempre me ensinaram que os estudos seriam a única chave para um futuro risonho, considerando os tempos de crise que se avistavam. Apesar de toda a ansiedade e receios gerados em torno do meu futuro, com facilidade tracei o meu caminho. Acreditando sempre, mesmo quando as opiniões apontavam em sentido oposto, que o caminho que tinha de seguir seria o caminho do meu sonho. Como tal, independentemente dos cursos apontados como “com saída”, acreditei sempre que quando existe no trabalho empenho e determinação, poderemos fazer a diferença, conquistando o nosso lugar no mundo laboral. Talvez, por isso mesmo, nunca me revi numa urgência do estudo pelo estudo, numa obrigatoriedade pelo aprender. Contrariamente, vivi sempre a escola com a alegria da descoberta, com sede de conhecimento e com o objetivo de saber mais e melhor, principalmente no que seria o meu verdadeiro interesse. Esta força interior que aqui descrevo, sempre presente em mim desde nova, é possivelmente o que mais me caracteriza e me faz rever em tudo que sou hoje. Esta é a força que nunca me fez desistir perante as inúmeras adversidades, que me impulsiona e me permitiu atingir, até hoje, todos os sonhos edificadas nesta caminhada. Prova disso, foram os três anos em que não consegui entrar na Faculdade por motivos pessoais e académicos mas nunca desisti e aproveitei esse tempo para aprender, não só a nível escolar mas a nível laboral em áreas que não eram as que queria e pela qual estava a lutar.

Marca decisiva para a escolha do curso de Educação Física e Desporto, no Instituto Superior da Maia, terá sido, sem dúvida, o estímulo dos meus pais por me incentivarem desde tenra idade à prática desportiva. Neste sentido, ao longo da minha infância e adolescência terei passado por desportos como a patinagem, a ginástica, a natação, o andebol e por fim o futsal (o qual pratico desde 2003 até hoje a nível federado). Para além da influência recebida através dos meus pais, no meu percurso escolar fui também “captada” para o desporto escolar, o que terá vincado ainda mais o meu gosto pelo desporto.

Devido ao tal “tempo de crise” que se adivinhava já há alguns anos e que infelizmente chegou, as dificuldades monetárias no seio da minha família foram aumentando e tive de conciliar estes cinco anos académicos com trabalhos a part-time, trabalhos de áreas distintas que me retiravam muitas noites de sono e que se foi notando ao longo do tempo devido ao meu ar cansado. Porém, sempre fui uma lutadora pois nunca obtive nada facilmente e é através das dificuldades que nos apercebemos que somos mais fortes do que alguma vez pensamos ser.

Não tive porém dificuldade em selecionar o Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário. Foi uma opção de carácter quase obrigatório, pois desde a infância que sonhava e me revia no papel de todos os meus Professores de Educação Física.

Todas as aprendizagens adquiridas durante estes quatro anos académicos foram importantes para este último ano de estágio profissional. Contudo, considero que as didáticas e as disciplinas mais direccionadas para o ensino foram as mais importantes e as que mais ferramentas teóricas me forneceram para ultrapassar algumas dificuldades na prática pedagógica.

2.2 O Significado do Desporto

O desporto sempre fez parte da minha vida desde as minhas recordações passadas mais vagas. Existia uma constante necessidade de permanecer ativa. Escapei à principal dúvida que recai sobre os adolescentes “Que curso vou escolher?”, pois o meu amor incondicional pelo desporto não me deixava sequer pensar em escolher um curso em que o exercício físico não fosse a palavra de ordem. Assim, posso claramente afirmar que o meu gosto pelo desporto foi o principal responsável pela área de formação que escolhi. Apesar das inúmeras opções de escolha dentro deste tema, o ensino do desporto e da educação física apareceu quase que como um dever de transmissão após a descoberta de um amor incondicional. Como refere Terreiro (2007) o desporto funciona como um impulsionador das qualidades humanas da sociedade, funcionando como um construtor da cidadania, uma vez que a sua prática regular inevitavelmente ocorrerá uma aquisição e desenvolvimento de valores simultaneamente com a promoção da elevação das capacidades e habilidades motoras, resultando tudo isto no desenvolvimento harmonioso do indivíduo.

O desporto é essencial na educação, pois contribui para o desenvolvimento de inúmeras aptidões, valores e princípios do ser humano. Segundo Bento (2006) o desporto é um constructo que se alicerça num entendimento plural e num conceito representativo, agregador, sintetizador e unificador de dimensões biológicas, físicas, motoras, lúdicas, corporais, técnicas e táticas, culturais, mentais, espirituais, psicológicas, sociais e afetivas. O ato desportivo tem implícito tudo isto sem o esgotar.

2.3 Expetativas em Relação ao Estágio Profissional

2.3.1 Pessoal

Desde muito nova ambiciono Ser Professora, não uma professora cinzenta, discreta, sombria mas uma Professora com todo o esplendor, procurando obter dos meus alunos o máximo de rendimento e de satisfação, para que no fim ambos tivéssemos uma imagem gratificante de todo o percurso. Sonhava com a mesma perseverança contribuir para a formação de cidadãos, desportivamente cultos, competentes e entusiastas, que dispensassem os discursos inflamados de conteúdo grosseiro, que acolhessem no seu léxico vocábulos específicos do desporto e que fossem persistentes perante os obstáculos da vida.

Na minha curta carreira de treinadora de guardas redes de futsal e professora estagiária de escolinhas de futebol de 7, sempre contatei com crianças e adolescentes que estão no desporto por gosto, encarando-o com prazer e dedicação e acolhendo-me a cada treino com um enorme sorriso.

Neste ano de estágio, receava fundamentalmente, que ao longo das aulas fosse perdendo o “pulso firme” com os meus alunos. Pois, de acordo como nos foi ensinado nas aulas de Didática Geral, *“ninguém ensina nada a ninguém, se este não quiser aprender”*. Deste modo, o grande desafio que se impõe ao professor é o de quebrar esta barreira que se edifica entre professor e aluno, bloqueando o processo de ensino aprendizagem.

Desde que soube a escola onde ia estagiar, comecei a criar expetativas dentro da realidade que me esperava. A escola, apesar de renovada, transmitia-me um sentimento de “estar em casa”, pois quatro anos do meu percurso académico foram passados naquelas instalações.

“Olha não podes subir para aí!” Foram as primeiras palavras que ouvi quando me dirigia para a sala dos Professores. Ao entrar na escola não estava ninguém na portaria e como sabia o caminho, resolvi subir as escadas. Após os

primeiros degraus uma funcionária confundiu-me com uma aluna e só depois percebeu que era estagiária. Muito corada, as palavras seguintes foram “Desculpe Senhora Doutora”. E desta vez quem se sentiu constrangida fui eu. Mas doutora de quê? Perguntava eu a mim mesma. Só depois percebi que nesta escola não fazem distinção entre Professores, sejam estagiários ou não, o grau de “Doutor” é válido para todos.

Sentia um regalar do corpo e da alma, quando pensava que ia estar ali “sozinha”, perante um grupo de alunos de olhares atentos, a solicitarem constantemente a minha atenção e intervenção. Naquele momento, questionava-me sobre a capacidade de conjugar todos os conhecimentos adquiridos durante a formação académica, transportando-os de forma útil e oportuna para o processo de ensino-aprendizagem.

“Mais do que em qualquer outra profissão, o primeiro ano de exercício da docência surge como um desafio em que cada nova experiência se assume mais como um teste para avaliar a capacidade de sobrevivência do que como uma fase indispensável ao processo de desenvolvimento profissional”.

Marques da Silva (1997)

2.3.2 Os Alunos

O aluno, antes de mais, é detentor de um passado, de crenças, preferências, interesses e rejeições. Nesta perspetiva, o professor assume-se como um “SUPER GESTOR”, lidando com um conjunto de variáveis que se conjugam em cada aluno e fazem dele um ser único e irrepetível.

Numa época, em que o comportamento disciplinar dos alunos é tantas vezes chamado à “praça pública” em Portugal, possuo um conhecimento pouco esclarecido sobre esta temática. A realidade, muito própria, em que se inserem algumas escolas poderá contribuir para o despoletar de problemas disciplinares. Pois, muitas vezes encontram-se situadas em zonas, social e

economicamente desfavorecidas, onde a estrutura familiar se encontra desagregada e a educação é completamente entregue à escola. Mas, compreender este facto, não significa acomodar, cruzar os braços, compactuando com este facilitismo social, adotando uma postura de permissividade absurda perante comportamentos inconcebíveis.

Na Escola Secundária de Rio Tinto praticamente não existem problemas disciplinares graves, uma vez que o nível de maturidade dos alunos é relativamente superior ao de uma escola de ensino básico e a escola é situada numa zona calma e segura. Contudo, tinha algum receio que este tipo de comportamentos se verificassem, caber-me-ia encontrar um conjunto de instrumentos que permitiriam manter o rigor, a organização e o controlo sistemático do grupo.

Relativamente às capacidades e habilidades motoras dos alunos, receava inicialmente poder encontrar algumas graves lacunas em determinadas unidades temáticas, contudo logo percebi que a turma tem um nível superior ao que poderia esperar, muito devido a terem uma capacidade motora elevada e na sua maioria serem alunos do sexo masculino.

2.3.3 Os Professores

Atualmente, atravessamos um período de grande instabilidade e de mudanças sistemáticas ao nível da carreira do docente, o que tem provocado algum desconforto entre os professores e tem estado na origem de alguma contestação e reivindicação da classe. A redução de horários disponíveis para contratação de novos professores e a precariedade das novas contratações dão uma imagem de uma profissão que surge na opinião pública como pouco atrativa.

Assiste-se à explosão de verdadeiras guerras, entre sindicatos, professores e Ministério da Educação, fazem-se greves e manifestações, desconcentrando-se do essencial, o próprio processo de ensino. Contudo, não podemos fechar os olhos aos problemas emergentes desta profissão, e às

consequências que esta instabilidade produz quer a nível pessoal, quer a nível profissional. Pois, um professor descontente, não leciona com o mesmo fervor, empenho e dedicação, como seria se as condições fossem outras. Numa época em que os alunos manifestam, cada vez mais, desinteresse pela escola, a atitude do professor faz a diferença. No fundo, trata-se de um verdadeiro ciclo, nada surpreendente, pois os processos de ensino e de aprendizagem influenciam-se mutuamente.

Previo encontrar na escola um conjunto de professores, desmotivados, vencidos por uma mudança eterna e repetitiva. Contudo, neste estágio, encontrei professores de elevada competência e detentoras de um conhecimento profundo de todo o processo educativo. Professores que lutam, contra todas as adversidades, para dinamizar o ensino na escola e para chamar os alunos a este lugar do saber. No entanto, encontrei professores no outro extremo, acomodados, conformados tendo já baixado os braços. Nestes casos, o ensino e os alunos (como alvos do processo) são amplamente prejudicados, pelas faltas sistemáticas do professor, pelo seu desinteresse, distanciamento e pela indiferença perante o sucesso ou insucesso do aprendiz. Com efeito, aquele que poderemos considerar o “bom” professor implementará um ensino eficaz, através de uma postura ativa (instrução direta) acreditando que os seus alunos podem evoluir, evitando traçar metas por baixo. Para tal, promoverá situações de aprendizagem desafiadoras, que possibilitem taxas elevadas de sucesso, que propaguem a responsabilização e que se concentrem na instrução.

No que se refere à classe dos professores de Educação Física, existe um olhar estereotipado, desconfiado e duvidoso dos restantes pares. Todavia, acredito que esta imagem, ligada sobretudo ao desleixo, à desorganização e à falta de conhecimento, tem sido desconstruída. Por outras palavras, abandonou-se progressivamente a ideia do Professor de Educação Física como *entertainer*, como supervisor de pulos, monitor de corridas e jogos, para compreendê-lo como Professor, no seu pleno significado.

3.ENQUADRAMENTO DA PRÁTICA PROFISSIONAL

3.1 O Valor e a Finalidade da Educação

Como refere Savater (1997), educar é crer na perfeitibilidade humana, na capacidade inata de aprender e no desejo de saber que a alma, no haver coisas (símbolos, técnicas, valores, memórias, factos...) que podem ser sabidos e que merecem sê-lo, na possibilidade de nos podermos – nós, os homens – melhorar uns aos outros por intermédio do conhecimento.

O conceito de educação tem vindo a sofrer alterações ao longo do tempo, assim sendo, torna-se difícil chegar a uma definição concreta. Porém, sabe-se que a educação apresenta-se como um elemento fundamental na construção da comunidade. De acordo com Brandão (2001), ninguém escapa da educação, pois esta está envolvida em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, ou para aprender e ensinar simultaneamente. O saber, o fazer, o conviver e o ser são aspetos que estão presentes todos os dias da nossa vida e são orientados pela educação. A educação apresenta-se como uma necessidade de ordem natural ou vital (Grácio, 1995).

No entanto, para Philonenko (1980 cit. por Kant, 1996), o homem não pode chegar a ser homem a não ser por intermédio da educação. Ele não é mais do que aquilo que a educação faz dele, ou seja, o homem só se constitui homem através da educação, sendo esta um bem essencial a todo o cidadão para a comunhão da vida em sociedade. Cabe à educação fazer com que todos possam descobrir o seu potencial criativo revelando o tesouro escondido em cada um de nós.

A educação cria e molda os homens à imagem da sociedade onde se incluem, através da transferência de uns para os outros dos saberes que legitimam essa mesma sociedade. Cada sociedade tem um conjunto de crenças e ideias, de qualificações e especialidades que envolvem as trocas de símbolos, bens e poderes que, através do processo educativo e da transmissão que lhe está implícita, constroem estas mesmas sociedades. Deste modo, a educação trata-se da troca entre seres, de influência mútua e não unicamente

de professor para aprendiz. A educação não se processa apenas como relação vertical e hierárquica entre adulto e imaturo, mas também como relação horizontal e igualitária (Grácio, 1995).

A escola, como instituição de formação, deve predispor o aluno para uma nova atitude perante a vida, dotando-o de capacidades importantes como a de mudar, adaptar e criar. Neste processo, quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender, sendo desta forma patenteada a influência mútua do professor e do aluno.

Juntamente com a sociedade, a escola auxilia o educando a construir a sua cidadania, ou seja, a sua inserção na sociedade de forma consciente e madura. Apelando à importância da relação interpessoal e ao carácter interativo na vida social, Savater (1997) refere que o destino de cada ser humano não é a cultura, nem sequer a sociedade, em sentido restrito, enquanto instituição, mas os seus semelhantes.

A Educação não é apenas de carácter individual, pertence à essência da comunidade que envolve o indivíduo. Deste modo, é necessário que se unam todas as forças para que a educação não perca o seu valor ao longo do tempo e que cada criança e/ou jovem construa a sua personalidade constantemente veiculada com os valores que lhes são transmitidos.

A Educação tem extrema importância no carácter de um adulto, pois tem como finalidade que o Homem se suporte nela para conseguir atingir os seus objetivos, trilhando caminhos por vezes complicados, mas com mais ou menos demora ultrapassando a meta com sucesso.

3.2 A Formação do Professor

“O Professor é a pessoa. E uma parte importante da pessoa é o Professor.”

(Nias, 1991)

A formação do professor não se constrói apenas pela acumulação de cursos ou de conhecimentos académicos adquiridos, adquire-se também através da reflexão permanente da identidade pessoal. Deste modo, é importante investir na pessoa e dar um estatuto ao saber da experiência (Nóvoa, 1992).

O Estágio Profissional é no fundo uma junção da nossa identidade pessoal com o conhecimento académico e que nos dota de uma reflexão mais crítica, mais reflexiva e uma visão mais ampla de todo o processo de formação para atingir o patamar pretendido: Ser Professor(a).

Garcia (1999) defende que nos primeiros anos de atividade profissional, o jovem professor, geralmente, se depara com o “choque da realidade”, caracterizando-se por um período de transição entre o ser estudante e o ser professor. Esta fase, normalmente, é configurada como um período de dúvidas e tensões, mas, ao mesmo tempo, de aprendizagens muito intensas, em que as tarefas que lhe estão inerentes passam pela construção de conhecimentos profissionais e pela manutenção do equilíbrio emocional. Para que o impacto com a realidade seja um pouco atenuada o professor iniciante apoia-se em professores mais experientes, que o integram no mundo da docência e que realçam a importância da interação do indivíduo e o seu meio.

Para que os professores iniciantes possam “crescer” profissionalmente devem aperfeiçoar-se com o tempo, desta forma, Nóvoa (1992) refere que os professores devem investir no seu desenvolvimento profissional através da formação contínua que começa com a formação inicial para depois acompanhar todo o exercício docente, isto é, aceder a uma formação contínua que se deve centrar na atividade quotidiana próxima dos problemas reais dos professores, tendo como referência central o trabalho das equipas docentes, assumindo portanto, uma dimensão participativa, flexível e ativa/investigadora.

A dita “paixão” pela profissão que os professores tanto mencionam, tanto na fase inicial como já com uma larga experiência de docência transmite a ideia e certamente uma certeza de que esta profissão requer um sentimento incondicional e o fascínio transcendente. Estou de acordo com Bento (2008) quando este afirma que ninguém pode ser um bom professor sem o sentimento de uma calorosa afeição pelos seus alunos e sem o desejo genuíno de partilhar com eles aquilo que, para si próprio, é um valor.

De facto, este ano de Estágio Profissional foi a grande oportunidade de empregar na prática toda a aprendizagem teórica assimilada ao longo destes cinco anos de formação académica. Todavia, os conhecimentos e competências que adquiri muitas vezes eram confrontados com a realidade escolar.

Tinha uma perceção completamente diferente do que é ser Professor neste momento, pois prendia-me muito aos meus anos de aluna na escola em que agora tinha estatuto de Professora. Foi um “abanão” necessário para que a minha aprendizagem fosse mais completa.

Esta formação prática, apesar de encontrar dificuldades em que na maior parte das vezes tinha de resolver rapidamente e sem muito tempo para pensar, tornou-se a “cereja no topo do bolo”, pois percebi que a nossa formação é constante e que aprendemos muito com os nossos alunos e com os nossos colegas mesmo não sendo da mesma área. Percebi fundamentalmente que todos os anos de estudo para trás tinham sido necessários para me sentir no meu mundo no momento em que entrava na escola.

A teoria e a prática completam-se, sem uma não existe a outra. Porém, cabe a cada um utilizar a teoria e aplicar um pouco de si mesmo de forma a enriquecer a prática.

3.3 A Educação Física Escolar

O conceito de Educação Física surge no século XVIII. Trata-se de uma disciplina muito importante no percurso académico de qualquer criança. Devido à sua extrema importância, pertence a um grupo minoritário de disciplinas que percorrem todo o percurso escolar obrigatório, desde o Ensino Básico ao Ensino Secundário. É através do desporto que existe uma promoção do desenvolvimento de capacidades vitais para um correto e harmonioso desenvolvimento dos alunos.

A atividade desportiva, desenvolvida de forma pedagógica na Educação Física, é um elemento fundamental da vida infantil, dado que, uma adequada e diversificada estimulação psicomotora assume uma elevada relação com o desenvolvimento afetivo, cognitivo e social da criança. É também através da Educação Física que existe uma participação ativa no desenvolvimento da autoestima, autonomia, interação social, solidariedade e perseverança dos alunos e, assim sendo, contribui para que se afirmem na sociedade de uma forma mais sólida.

Mota (1992) refere que a escola deve procurar a garantia da informação e conferir os meios que preservem no futuro a saúde. A Educação Física, apesar de ainda ser vista por muitos como um momento de recreio dos alunos, colabora para uma vida com sinónimo de qualidade. Todos sabemos que o que impera na sociedade atual é ao sedentarismo, pois as crianças e os jovens passam cada vez mais tempo em frente à televisão ou ao computador, assim como têm péssimos hábitos alimentares (fast food, comida processada, etc.). Deste modo, é necessário motivá-los para uma prática ativa com o intuito de alcançar os resultados esperados, isto é, dedicar tempo e atenção suficiente a estas atividades por forma a equilibrar a tendência geral de inatividade (Mota, 1997).

Um dos grandes objetivos da Educação Física é a promoção do gosto pela prática desportiva e o exercício voluntário da mesma no futuro. Para Mota (1997), a escola e as aulas de educação física são reconhecidas

unanimemente como o local privilegiado, não só para um desenvolvimento corporal e desportivo, como também no alicerçar de ideias e assimilação de comportamentos para a sua maturação futura. Uma tarefa importante da educação do jovem parece ser então a construção de uma consciencialização individual, de uma motivação pessoal para a valorização de um modo de vida ativo.

Relativamente ao Professor de Educação Física, tem o dever de proporcionar aos alunos experiências positivas e diversificadas, de forma a que estes adotem estilos de vida autónomos e saudáveis. Desta forma, tanto os familiares como os professores, podem influenciar a autoperceção dos jovens, a satisfação ou ansiedade e a motivação para manterem uma determinada atividade desportiva (Brustad, 1996).

Durante o Estágio Profissional tentei sempre que possível contemplar a essência das aprendizagens com uma componente lúdica, para que os alunos tivessem uma aprendizagem mais atrativa. Deste modo, conseguia mantê-los motivados e envolvidos na matéria. As “aulas diferentes” que serão explicadas mais à frente neste relatório, retratam exemplos de formas variadas e criativas que se podem aplicar nas aulas de Educação Física, de forma a proporcionar aos alunos as tais “experiências positivas e diversificadas” referidas anteriormente.

Desde o início do ano, em pequenos gestos e conversas com os meus alunos, estimei a importância da disciplina de Educação Física, visto que é das únicas em que lhes permite vivenciar aprendizagens de várias naturezas, pois mobiliza aspetos afetivos, éticos, pessoais e sociais de uma forma particular.

A promoção de aspetos como a autonomia, autoestima e solidariedade foram um pouco mais difíceis de incutir, tendo em conta que os alunos inicialmente estavam sempre dependentes de um exemplo para cumprirem alguma tarefa e como eram muito competitivos queriam ganhar sempre e esqueciam um pouco a interajuda. Relativamente à autoestima, tive na minha turma um caso em particular que se revelou um pouco preocupante:

“Após a apresentação da sequência do segundo grupo, a aluna veio informar-me que não iria fazer a avaliação, justificando-se que tinha faltado nas últimas aulas e não queria prejudicar os colegas de grupo. Tentei que desistisse da ideia de não fazer a avaliação, usando vários argumentos, mas infelizmente não obtive sucesso. Esta aluna necessita de ser motivada no segundo período, pois desiste facilmente face a todos os obstáculos que encontra e mostra constantemente uma atitude derrotista. Terei de pensar em alguma estratégia para que mude esta atitude nas minhas aulas e em relação aos obstáculos que encontrará ao longo de toda a sua vida. Pedi-lhe que me entregasse um trabalho escrito na próxima aula mas reforcei que não iria ter o mesmo “peso” da avaliação prática.”
(Reflexão da aula nº23, 11/12/2012)

A autoestima desta aluna teve de ser trabalhada ao longo do ano e necessitei de muita paciência e perseverança para conseguir uma evolução mínima, numa turma em que todos os colegas tentavam sempre superar-se a si mesmos. O espírito de grupo que se foi desenvolvendo auxiliou esta aluna a ter um pouco mais de confiança e a perceber que as suas atitudes poderiam prejudicá-la não só a curto como a longo prazo.

Assim, na minha perspetiva, a disciplina de Educação Física, para além de alertar para a consciência da necessidade de um estilo de vida ativo, de melhorar os níveis de condição física e de desenvolver e aperfeiçoar competências e habilidades, deve educar também para a cidadania.

3.4 Contexto da Prática Pedagógica

3.4.1 A Cidade

Historicamente falando... no início do século IX, os Cristãos ganhavam terreno aos Mouros. Governava o Conde Hermenegildo Gutierres o território da Galiza até Coimbra, tendo como centro o Porto.

Contudo, o Califa Abderramão II, com um poderoso exército, fez uma violenta investida, cercando a cidade do Porto. O Rei Ordonho II desceu em socorro do seu sogro, o Conde Gutierres, conseguindo afastar os Mouros e perseguindo-os para longe da cidade. Junto a um límpido ribeiro, travou-se a sangrenta batalha. Na memória do povo, ficou o sangue derramado que, de tão abundante, tingiu as cristalinas águas do rio, passando desde então a chamar-se Rio Tinto.

O Brasão da cidade tem um fundo azul com uma espada espetada no Rio, Tinto do sangue (lenda que atribui o nome da localidade à batalha entre Cristãos e Mouros). À direita da espada, encontram-se 2 espigas (milho e trigo) e, à sua esquerda, uma roda dentada, que lembra a atividade agrícola de outrora, e a segunda que simboliza a indústria que se foi desenvolvendo a partir do início deste século

Rio Tinto é a maior freguesia do Norte de Portugal em população, com aproximadamente 60 mil habitantes e é uma das 12 que integram o concelho de Gondomar. É a freguesia mais próxima da cidade Invicta e a Norte confronta-se com Baguim; a Este com Fânzeres; a Oeste com Pedrouços e Águas Santas; e a Sul com Campanhã. Se em tempos, Rio Tinto era uma pequena aldeia rodeada de campos verdes, hoje é bem diferente. A chegada do comboio, em 1867, trouxe uma dinâmica à freguesia. A partir daí, Rio Tinto não mais parou de crescer, tornando-se bastante urbana.

O setor terciário é dominador na cidade, desde os serviços à restauração e ao comércio, quer o tradicional, quer o das grandes superfícies. O setor secundário é composto por pequenas unidades industriais. A população jovem

procura em grande número a cidade de Rio Tinto para viver, dada a proximidade do Porto, as excelentes acessibilidades, o parque habitacional de qualidade e os transportes (autocarros, comboio e o Metro). A população anseia pela independência municipal do concelho de Gondomar.

A cidade de Rio Tinto ocupa uma área de 9,5 Km² e é nela que está inserida a Escola Secundária de Rio Tinto que me acolheu como estudante no ensino secundário e como professora neste ano de estágio profissional.

Habito em Rio Tinto há cerca de 15 anos e sempre tive a perceção de ser um local calmo e seguro. Nunca presenciei a situações de violência e tinha a certeza que não teria esse problema na escola. Contudo, a geração não é a mesma e já não tinha contato com a escola à cerca de 6 anos. Deste modo, um pequeno receio pairava quando pensava que poderia ter algum aluno com um caráter um pouco mais violento. Felizmente durante este ano de prática pedagógica supervisionada, situações de violência apenas “ouvia falar” mas por momento algum tive contato com essas situações, fosse com alunos da minha turma ou com alunos que tive contato de outras turmas. A meu ver, o fato do nível socioeconómico ser equilibrado na escola, e até mesmo na freguesia, atenua a violência.

Desta forma, aconselharei sempre qualquer futuro estudante estagiário a lecionar em qualquer escola desta cidade, com especial realce na Escola Secundária de Rio Tinto.

3.4.2 A Escola

A criação de uma escola secundária em Rio Tinto, já se falava em ata no ano de 1977. Os anos foram passando e a discussão acerca de qual o terreno que iria acolher este novo projeto, prevaleceu ao longo de alguns anos. Finalmente, em 30 de Junho de 1982, é criada a Escola Secundária de Rio Tinto, que acaba por utilizar as instalações da Escola Preparatória. Solução, esta provisória, pois o espaço disponível, não permitia conter toda a população estudantil de Rio Tinto. Seria então necessário criar um novo edifício que

começa a ser planeado em 1987, sendo que só em 1992 os jovens de Rio Tinto tiveram direito à construção de um novo edifício. Dezoito anos depois, no mesmo local, a escola sofreu uma remodelação que mudou radicalmente as suas feições, uma intervenção profunda ao nível das instalações e equipamentos que se traduzirá na melhoria da qualidade das práticas pedagógicas.

Os alunos que a escola acolhe, são oriundos de uma vasta área geográfica, na sua maioria das freguesias de Rio Tinto, Baguim do Monte e Fânzeres.

Para a realização das aulas de Educação Física, a escola possui sete espaços, sendo três dentro do Pavilhão Gimnodesportivo (não remodelado desde 1992) – G1, G2 e G3 –, dois no Gimnodesportivo (criado com a última remodelação) - G4 e G5 – e dois exteriores – G6 e G7. Todos estes espaços estão previamente destinados para os Professores no *roulement*, no entanto, em condições climatéricas menos favoráveis, quem está no G7 e no G6 desloca-se para o G2 e G4, respetivamente.

Relativamente aos balneários, a turma que realiza a aula no espaço G6 e G4 equipa-se no Ginásio, para os restantes espaços equipam-se no Pavilhão Gimnodesportivo.

Os Gimnodesportivos têm marcações de campos de futebol, andebol, badminton, basquetebol e voleibol, bem como duas balizas e tabelas de basquetebol. Quanto ao espaço G6 tem as mesmas características que os anteriores, excetuando as marcações de voleibol. Em contrapartida, tem uma caixa de saltos. O espaço G5 é destinado para a dança e ginástica. O espaço G7 é constituído por dois cortes de ténis e tabelas de basquetebol.

Esta escola tem todas as condições necessárias para serem lecionadas ótimas aulas e tem condições acima da média. A minha escolha não poderia ter sido melhor visto que a minha residência fica a uma distância de cerca de 10 minutos a pé.

Relativamente às aulas que lecionei durante o ano, todas estas modernas condições auxiliaram-me para que os alunos conseguissem sempre ter o maior aproveitamento possível. Eram raras as aulas em que tinha de manter alunos parados e em certos espaços apenas a minha turma é que lá se encontrava podendo realizar torneios (G4) e atividades com música (G5) sem o barulho ou intervenção de alunos de outras turmas.

Tentei sempre utilizar os recursos da escola na sua máxima extensão e tenho plena noção que se tivesse noutra escola talvez não tivesse todas as facilidades que me foram fornecidas e que o meu trabalho teria sido mais trabalhoso e complicado. Porém, como refere e bem um provérbio popular “Quem corre por gosto não cansa!”.

3.4.3 O Núcleo de Estágio

Depois de conhecer a escola que me iria acolher, conheci os meus dois companheiros de viagem (que não conhecia do meu primeiro ano de mestrado) e o Professor Cooperante que nos iria auxiliar e acompanhar durante toda a Prática de Ensino Supervisionada.

A minha inicial apreensão por não conhecer nenhum dos meus colegas de estágio e por ser a única do sexo feminino foi, na verdade, rapidamente ultrapassada. Começou desde logo a crescer um grande entendimento e uma relação de amizade acompanhada de um apoio mútuo, conselhos e proximidade. Durante todo o ano letivo senti que em qualquer dúvida ou obstáculo que surgisse os teria por perto para me darem a sua opinião sobre como deveria ou poderia fazer para resolver essas adversidades. Da mesma forma, penso que também eles sabiam que sempre que precisassem eu estaria disponível para ajudar e que teriam sempre uma resposta sincera, clara e objetiva. Apesar de muitas vezes termos pontos de vista distintos e de lecionarmos todos de forma diferente, devido à postura e personalidade de cada um, quando nos reuníamos justificávamos as nossas opções e rapidamente entrávamos em conformidade. Durante todo este caminho foram o meu braço direito e as observações às suas aulas foram muito importantes

para refletir sobre as situações boas e más que ocorriam e que de forma espontânea ou planeada as ultrapassavam. Todos estes fatores contribuíram para o desenvolvimento da minha formação e tal como referem Alarcão (1996) e Caires (2003), a utilização de estratégias de cooperação e interação na aprendizagem têm como vantagens o desenvolvimento do pensamento estratégico, da análise crítica e da resolução de problemas.

Relativamente ao Professor Cooperante, percebi desde o momento em que nos reunimos pela primeira vez, que a sua experiência seria determinante para a transferência de conhecimentos. Como refere Ben-Peretz e Rumney (1991) e Martin (1997), citado por Jacinto (2001) face à ausência de critérios definidos para o desempenho do cargo, continua-se hoje em dia, a valorizar os professores experientes para a formação de futuros professores.

O seu contributo foi essencial na nossa aprendizagem e o seu acompanhamento foi determinante para conseguirmos atingir os nossos objetivos iniciais. Tenho a certeza que nos preparou para enfrentar grande parte dos desafios inerentes à carreira profissional, transmitindo-nos todos os ensinamentos e vivências da sua longa experiência. O seu trabalho foi sempre direcionado para nos tornarmos profissionais competentes, autónomos e com um prazer de lecionar igualável ou superior ao dele.

3.4.4 A Minha Turma

A turma que ficará para sempre na minha memória por ser a minha primeira turma. Uma turma do 10º ano do curso de Científico – Humanístico de Ciências e Tecnologias constituída inicialmente por 27 alunos inscritos, dos quais 20 do sexo masculino e 7 do sexo feminino.

A grande maioria dos alunos, apesar de não ter frequentado a Escola Secundária de Rio Tinto no ano anterior, vive na proximidade da escola e mesmo utilizando os transportes públicos demoravam relativamente pouco tempo no trajeto de casa à escola.

Esta turma tinha características muito próximas às características das turmas em que fui aluna no ensino secundário. Muito agitados, com uma alegria fora do comum e com imensas potencialidades. Prova disso, foram as notas que obtiveram à disciplina de Educação Física no ano transato. Numa escala de 1 a 5 não houve grande discrepância de notas entre os alunos, sendo que apenas dois alunos obteram nível 3, doze alunos o nível 4 e treze alunos o nível de excelência.

Com o passar do tempo, e por o 10º ano ser um ano de descoberta e dúvidas, a turma foi diminuindo pois alguns alunos perceberam que estavam no curso “errado” para o seu futuro académico e que não iriam conseguir obter boas notas se continuassem. Assim, iniciei o 3º Período com 22 alunos, sendo 17 do sexo masculino e 5 do sexo feminino.

Apesar de possuírem uma enorme aptidão física, praticamente metade da turma não praticava nenhuma atividade física e/ou modalidade desportiva fora do recinto escolar. Ao longo do ano, foi perceptível que os alunos que praticavam alguma modalidade extraescolar, sentiam menos dificuldades principalmente nos desportos coletivos, pois possuíam mais coordenação, concentração e espírito de equipa.

3.4.5 A Turma do Curso Profissional

A quatro semanas do término do 1º Período ficou-me incumbida a tarefa de lecionar dança a uma turma do 11º ano do curso profissional de Técnico de Apoio Psicossocial. O Professor Cooperante teve a ideia de cada um dos estagiários do núcleo lecionar uma modalidade a esta turma, para que a nossa formação enriquecesse.

A dança foi a modalidade que tive de lecionar (modalidade que não lecionei na minha turma), sendo que a proposta do Professor Cooperante era que no final de quatro aulas tivesse uma coreografia de 1 minuto e 30 segundos e filmasse a avaliação final, para que pudesse avaliar ao pormenor e, de forma,

a que as notas atribuídas fossem justas, não confundindo nenhuma cara devido ao pouco tempo que tinha de contato com a turma.

Como eram poucas aulas decidi não fazer avaliação diagnóstica, optei por inicialmente planear exercícios para que se desinibissem, e ao mesmo tempo, criar uma coreografia básica em que depois a própria turma a desenvolveria, utilizando sempre as suas capacidades criativas e conseguindo que houvesse uma grande interação e ajuda entre os grupos.

Confesso que de início fiquei um pouco assustada, pois era uma turma com 18 alunas e depois de as ter observado em aulas anteriores pensei que este desafio iria ser o primeiro obstáculo a não ultrapassar:

“Antes da aula sentia-me um pouco nervosa, porque apesar de já conhecer a turma (em observações que fiz às aulas do Professor Cooperante) não sabia como as alunas iriam reagir à primeira aula lecionada por mim.” (Reflexão da aula nº1, 28/11/2012)

O comportamento delas, observado em duas aulas do Professor Cooperante, tinha sido para mim deveras traumático, pois imaginava que para conseguir lecionar uma aula com elas teria de lhes dar atenção individual constante e de lhes impor regras rígidas incontornáveis.

Para mim seria fácil lecionar modalidade porque em todo o meu percurso académico nunca senti qualquer dificuldade tanto em executar como a lecionar em grupo (no primeiro ano de mestrado). No entanto, não sabia se conseguiria aplicar todos os meus conhecimentos com aquela turma tão “diferente”, e como refere Batista (2011) ter competências não é ser competente, isto é, ser detentor de competências não é garantia de competência, porquanto a competência é situacional, manifesta-se na ação e é de natureza relacional.

No final da primeira aula aprendi a não me subestimar e a encarar os receios com as armas que possuía. A minha atitude foi sempre bastante segura

e em nenhum momento permiti que se desviassem do que tinha planeado para aquelas aulas. Talvez por ser uma “Professora Jovem” e por ser uma modalidade que elas gostavam me tivesse ajudado neste caminho que se adivinhava atribulado mas que no fim se tornou o oposto, como revela um pequeno excerto da minha primeira reflexão:

“Não houve tempo para realizar os alongamentos, contudo senti que as alunas saíram entusiasmadas da aula e com vontade de voltarem na próxima semana. Foi para mim extremamente gratificante conseguir que houvesse um grande empenhamento da turma nesta aula, pois é uma turma complicada e que não acompanhei desde o início do ano.” (Reflexão da aula nº1, 28/11/2012)

Nas aulas seguintes reinava a tranquilidade na elaboração do plano de aula. Sabia que as alunas se iriam entregar a todos os exercícios com uma disponibilidade fora de comum. A alegria estampada na cara delas era contagiante e a vontade de terminar a unidade temática escasseava consoante o tempo passava:

“Deste modo, e se tudo correr consoante o previsto, a coreografia estará pronta no final das 4 aulas e com todas as alunas a saberem executá-la. Para isso é importante que as alunas continuem motivadas e interessadas, tenho plena noção que isso depende apenas de mim, pois elas já mostraram que gostam das aulas e que estão disponíveis.” (Reflexão da aula nº2, 5/12/2012)

“No final da aula e após uma breve reflexão as alunas elogiaram o meu trabalho e garantiram que não se importavam de ter dança o resto do ano. Obviamente isso não é possível e elas sabem, contudo são estes momentos e estas palavras que dia após dia, aula após aula, me fazem gostar cada vez mais de ser Professora e me dão a garantia

que estou no caminho certo para atingir todos os meus objetivos.” (Reflexão da aula nº4, 18/12/2012)

4.REALIZAÇÃO DA PRÁTICA PROFISSIONAL

4.1 Do Planear ao Concretizar

Chegado o momento de aplicar na realidade e sozinha, tudo o que me foi ensinado ao longo destes anos de formação senti algumas dificuldades nas tarefas de planificação. Mais uma vez, foi fundamental o acompanhamento e tudo o que nos foi ensinado ao longo do ano, pelo Professor Cooperante para que esta tarefa fosse cada vez menos considerada um “quebra cabeças”. Segundo Fusari (1998) a preparação das aulas é uma das atividades mais importantes do trabalho do profissional de educação escolar, pois nada substitui a tarefa de preparação da aula em si. Cada aula é um encontro curricular, na qual, nó a nó, se vai tecendo a rede do currículo escolar proposto para determinada faixa etária, modalidade ou grau de ensino. Pode então afirmar-se que o planeamento resulta do equilíbrio entre os meios e os fins, entre os recursos e os objetivos.

Na mesma linha de pensamento, Cunha (1997) refere que é fundamental planear, uma vez que, é um processo que prepara a entidade que o realiza para o decorrer das ações futuras. Procurei sempre que a teoria e a prática se mantivessem em sintonia e presentes ao longo do ano, nomeadamente na elaboração dos planeamentos.

O planeamento é uma peça absolutamente fundamental para que o processo ensino-aprendizagem seja dotado da qualidade e sucesso ambicionados, o ensino não se resume apenas ao intervalo de tempo existentes entre o toque de entrada e de saída de uma aula, mas inicia-se muito antes, exatamente no momento em que se começa a pensar nela (Bento, 2004). No entanto, logo na primeira aula surgiu o primeiro obstáculo que me colocou à prova, possuindo apenas ferramentas académicas:

“Por ser a primeira aula estava um pouco nervosa e ainda fiquei mais quando me foi informado que a aula não poderia ser totalmente lecionada no espaço G4 (pavilhão novo), mas teria de ser dada maioritariamente no espaço G5 (sala de dança). Ficou decidido então que teria aproximadamente 30 minutos para proceder à realização da

avaliação diagnóstica de voleibol no espaço G4 e posteriormente teria de passar para a sala de dança (G5) no restante tempo da aula. Deste modo, e com este imprevisto comecei a ter dúvidas se a primeira aula iria correr bem, dado que não poderia seguir-me pelo plano de aula e teria de me ajustar às condições que me foram dadas. (...) encaminhei os meus alunos para a sala de dança, onde decidi fazer alguns jogos de interação e condição física (...) a aula decorreu de uma forma muito positiva e surpreendentemente o imprevisto inicial foi ultrapassado com bastante sucesso, pois senti uma enorme satisfação em perceber que no final da aula os alunos gostaram e que já ansiavam pela próxima aula de educação física, assim como, um sentimento de dever cumprido da minha parte e um ótimo presságio para o trabalhoso ano letivo que me espera.” (Reflexão da aula nº2, 21/09/2013)

Saí fortalecida desta aula e o meu pensamento foi “se logo na primeira aula consegui facilmente resolver este percalço, estou pronta para enfrentar qualquer obstáculo que apareça durante o ano”. Esta confiança inicial ajudou-me muito no meu caminho e sabia que era importante planear e pensar sempre num plano “B”, caso o plano inicial falhasse, para que este meu pensamento se tornasse verdadeiro.

As dificuldades sentidas foram diminuindo consoante a experiência que detinha, pois foi aumentando o conhecimento pedagógico do conteúdo e a capacidade de improviso em situações de “emergência”. Assim como refere Ferreira (2010) é inequívoco que nem sempre o que nós planeamos corresponde de forma exata à realidade, por isso, importa estar preparado para alterar e improvisar qualquer situação que pareça menos apropriada tendo por base todo o conhecimento prévio da matéria.

Iniciando a análise no Planeamento Anual, este foi construído tendo em conta os conteúdos preconizados no Programa Nacional de Educação Física (PNEF), o Projeto Curricular de Educação Física (PCEF), os espaços

disponíveis segundo o *roulement*, o material e como principal fator os conhecimentos adquiridos pelos alunos (informações conseguidas através da Ficha de Caracterização Individual do Aluno), pois como refere Rink (1993) para que o processo de ensino-aprendizagem tenha sucesso, este tem de ser ajustado a quem se dirige.

Após reunião de núcleo, o plano anual ficou organizado da seguinte forma: Voleibol, Ginástica Acrobática e Ténis no primeiro período; Andebol, Atletismo e Orientação no segundo período; Badminton, Futebol e Dança no terceiro período. Contudo, ao longo do ano foram feitos ajustes devido ao clima (chuva) quando a turma tinha de ir para o espaço exterior, ou ao material disponível estar a ser utilizado e até mesmo às aulas “diferentes” que proporcionei à turma mas que tiveram as suas consequências. Deste modo, no primeiro período lecionei na íntegra Voleibol, Ginástica Acrobática e apenas uma aula de Ténis (esta modalidade era apenas para proporcionar aos alunos o contato com a modalidade). Neste período consegui também incluir a primeira aula de Andebol (avaliação diagnóstica). Relativamente ao segundo período lecionei Andebol como estava previamente programado e a segunda aula de Ténis (que não foi possível lecionar no primeiro período devido ao aumento de uma aula de Ginástica Acrobática), uma aula teórica (em que o tema principal foi os benefícios da educação física para a saúde), a primeira aula de Badminton (avaliação diagnóstica) e uma das duas aulas planeadas para a Orientação. O Atletismo devido aos problemas do espaço disponível por consequência do clima teve de ser dividido entre o segundo e terceiro período. Assim, no segundo período apenas lecionei as disciplinas de Corrida de Estafetas e Salto em Altura na modalidade de Atletismo. Por fim, no terceiro período lecionei Badminton, Futebol e Corrida de Barreiras, sendo que as três aulas Dança foram substituídas pelas aulas de Step, Judo e Orientação/Escalada.

De seguida, chegou a construção das Unidades Temáticas, e como é sugerido pelas Normas Orientadoras do Estágio Profissional, a elaboração destas, decorreu do planeamento da instrução pelo Modelo de Estrutura do Conhecimento (MEC) proposto por Vickers (1989). Esta ferramenta possibilitou um planeamento conforme o exigido pelos programas, à luz dos fundamentos

pedagógicos, psicológicos e didático-metodológicos, tendo sempre em atenção o contexto institucional e pessoal acima referido com o objetivo de promover o desenvolvimento de todos e de cada um (Bento, 2004). O processo de construção do primeiro MEC foi lento mas de extrema importância, pois apesar de nem sempre ser elaborado da forma mais correta, potenciou de forma vigorosa o sucesso da minha prática letiva.

Relativamente aos planos de aula estou de acordo com Bento (1987) quando refere que o plano de aula constitui-se no elo final da cadeia de planeamento do ensino elaborado pelo professor. O plano de aula deve servir como um guia, uma orientação da prática e não como um documento rígido, pois deve ser flexível e sempre suscetível a eventuais alterações. Tal como já referi acima é de extrema importância ter sempre um plano “B” em mente para que possamos adequar a turma à situação imprevista com rapidez.

Aula após aula, os planos de aula deixam de ser caracterizados por atividades isoladas e sem uma clara sequência metodológica para exercícios com uma sequência lógica para a evolução dos alunos na modalidade. Depois de muitos erros corrigidos pelo Professor Cooperante, principalmente no primeiro período, a minha aprendizagem foi-se desenvolvendo e tudo ia encaixando no seu devido lugar. O nível de planeamento das aulas era mais simples e útil, tornando-se cada vez mais adequado ao contexto em questão.

4.2 Gerir e Rentabilizar o Tempo de Aula Otimizando a Instrução

Uma dos meus principais objetivos ao longo deste ano foi conseguir aproveitar o tempo de aula fazendo uma gestão adequada. Estou plenamente de acordo com Metzler (2000) quando este refere que um bom gestor da aula pode ser comparado a um maestro de uma orquestra, que deve coordenar muitos músicos em simultâneo com a música, de forma a atingir a harmonia desejada.

A capacidade de gestão é uma condição de extrema importância para um processo de ensino aprendizagem quase infalível. Deste modo, o meu desafio era utilizar eficazmente o tempo de aula, de forma, a que houvesse o maior envolvimento possível dos alunos nas tarefas.

Inicialmente tinha como principal preocupação a adequação do tempo determinado para cada exercício, embora só após algumas aulas, e devido aos feedbacks dos meus colegas de núcleo e do Professor Cooperante, percebesse que havia aspetos mais importantes que tinha que me preocupar, para que a gestão da aula fosse mais adequada:

“Em suma, apesar de achar que a aula correu bem e que não houveram imprevistos significativos, sei que tenho de melhorar em muitos aspetos, principalmente em concentrar-me mais nos erros técnicos dos alunos e não tanto na organização da aula, pois essa já está quase definida e vai no bom caminho.” (Reflexão da aula nº4 – 02/10/2012)

Existem várias estratégias que os professores podem utilizar para rentabilizar ao máximo o tempo de aprendizagem dos alunos, umas eram equacionadas e experimentadas após reunião de núcleo e outras pensadas e refletidas aquando da realização do plano de aula.

Como me apercebia que os alunos demoravam muito tempo na transição de exercícios, surgiu uma das primeiras estratégias - criar regras e

rotinas. De acordo com Siedentop e Tannehill (2000) um sistema de gestão de tarefas eficiente começa com o desenvolvimento das rotinas e implementação de regras que garantem um ambiente apropriado na sala de aula. Os alunos inicialmente estranharam mas rapidamente interiorizaram, sendo que o empenhamento motor foi aumentando e as aulas fluíam melhor. Porém, surgiu um novo problema: a minha instrução era demasiado longa e como os alunos se encontravam muito tempo em espera, no final, alguns deles voltavam a perguntar-me o que era para fazer.

A instrução refere-se a comportamentos de ensino que fazem parte do repertório do professor para transmitir informação diretamente relacionada com os objetivos e os conteúdos do ensino (Siedentop, 1991). Inicialmente dava instrução com toda a turma reunida, e a aula parava quando os alunos se reuniam. Para inverter esta situação, e após alguns conselhos e opiniões, criei grupos de trabalho, primeiramente colocando os melhores alunos um em cada grupo e criando capitães de equipa de seguida, atendendo ao nível dos alunos e da matéria a abordar. Assim, nos momentos de instrução, o tempo de espera era reduzido e o controlo da turma estava mais facilitada, resultando num maior tempo potencial de aprendizagem para a turma.

Posteriormente, e como instruía a grupos menores, ainda faltava alterar a longa forma como o fazia, pois preocupava-me em transmitir de forma pormenorizada as habilidades motoras, tentando fazer com que os alunos interiorizassem automaticamente toda esta informação. Todavia, esta estratégia era errada e aprendi com o tempo a focar-me no núcleo da informação, transmitindo aquilo que realmente interessava. Quando colocava os alunos em prática, estes vivenciavam a teoria, de forma parcelada. De seguida, e sempre que necessário, transmitia *feedbacks* aos alunos, de modo a corrigir os seus erros, para alcançar de uma forma prática, os objetivos traçados para essa habilidade motora.

Estas situações de insucesso tornaram-se numa mais-valia, pois obrigaram-me a repensar na minha atuação, a procurar estratégias que a melhorassem e, sobretudo, fossem vantajosas para os alunos.

Ensinar é escolher as melhores formas e as mais adequadas para que os alunos possam evoluir. É extremamente importante a escolha dos melhores métodos, das situações de aprendizagem mais apropriadas, de um modo de transmissão de informação envolvente, entre várias outras estratégias para que o professor seja capaz de realizar uma instrução ajustada a cada momento da sua prática profissional. Contudo, penso que esses métodos e estratégias podem surgir da transmissão de Professores experientes ou de um interesse incessante pela melhoria da instrução e conseqüentemente do ensino, através de pesquisa bibliográfica, atendendo a referências que os resultados foram visivelmente bem-sucedidos.

4.3 Aplicação do Modelo de Educação Desportiva

Durante este ano letivo, o Modelo de Educação Desportiva (MED) foi aplicado em Badminton (2º Período) e Futebol (3º Período). O MED é um modelo de instrução criado por Daryl Siedentop e apareceu como um modelo curricular autónomo. Como refere Mesquita & Graça (2011) o modelo proposto por Siedentop vai ao encontro da necessidade de conferir um cunho efetivo e social às aprendizagens. Através deste modelo, o processo de ensino-aprendizagem das modalidades é realizado com a criação de uma época desportiva, referente à unidade didática de uma modalidade, onde existe a filiação das equipas numa competição formal.

De acordo com Mesquita & Graça (2011) existem três eixos fundamentais que este modelo comporta e que se revêm nos objetivos da reforma educativa da Educação Física atual: a competência desportiva, a literacia desportiva e o entusiasmo pelo desporto, sendo o seu propósito formar a pessoa desportivamente competente, culta e entusiasta. Estes mesmos autores apresentam seis características inerentes ao MED, que são elas as épocas desportivas, a filiação, a competição formal, os registos estatísticos, a festividade e o evento culminante (Siedentop, 1994).

O MED comporta um espírito de competição que é vivido através do desempenho de várias funções (jogador/atleta, capitão, treinador, árbitro, jornalista, fotógrafo, entre outros), sendo estas desempenhadas nos eventos culminantes num ambiente de festividade. A atribuição das diversas funções pretende orientar cada aluno para o domínio das regras e responsabilidades, intimamente ligadas, de forma, a que a aula de Educação Física se transforme numa experiência mais abrangente e enriquecedora no ponto de vista da cultura desportiva. Todos os alunos participam e sentem-se envolvidos, mesmo que apresentem dificuldades nas habilidades motoras da modalidade. O entusiasmo pela prática é desenvolvido devido ao fator social e à implantação de tradições e rituais ligados ao desporto.

Inicialmente, os alunos tiveram bastantes dificuldades na compreensão deste modelo, sendo que, na minha perspetiva, o desconhecimento e imaturidade contribuíram para esse facto, pois estavam apenas habituados à função de jogador. Contudo, não foram apenas os alunos que sentiram desconforto com aplicação deste modelo, eu própria também as senti, principalmente porque nas primeiras aulas tinha a sensação de perder um pouco o controlo total da aula e da turma, visto que muitas decisões eram tomadas por eles. Por outro lado, tinha maior disponibilidade para os auxiliar no que tivessem maior dificuldade e para os observar pormenorizadamente.

Fazendo uma comparação, a grosso modo, entre as duas unidades temáticas que utilizei para a aplicação do MED, posso referir que o Badminton foi apenas uma pequena introdução, visto que também foram menos 4 aulas do que o Futebol e que era uma modalidade individual. No Badminton desempenharam papéis como árbitro (assegurando o cumprimento das leis de jogo) e juízes de mesa (assinalando o resultado dos jogos na tabela e fazer a pontuação final). Porém, o desempenho destes papéis nem sempre foi fácil. Numa fase inicial, os alunos que queriam exercer a função de jogador não se encontravam motivados para cumprir os outros papéis, não realizando por completo a sua função. Com o decorrer da aplicação do modelo, todos os alunos compreenderam a utilidade e funcionalidade de todas as funções, estando assim motivados para participar. Instintivamente e gradualmente os alunos interessavam-se por ter uma participação mais ativa e até os alunos que estavam dispensados me pediam para contribuir de alguma forma:

“(...) após alguma insistência dos 2 alunos que estavam dispensados resolvi atribuir-lhes a tarefa de juízes de mesa pois ainda não tinham experimentado essa função e, desta forma, participavam na aula de forma ativa.”
(Reflexão da aula nº 50, 26/04/2013)

Relativamente ao Futebol, tornou-se mais fácil por já terem algumas noções do que consistia o modelo e por a maioria dos alunos se sentir à vontade na modalidade. Conseguiram demonstrar responsabilidade e autonomia de forma a serem eles próprios a decidir (entre as equipas) quem

desempenharia as funções de árbitro, capitão e treinador, organizando de forma rápida o cumprimento de todos os jogos.

Tentei realizar todo este modelo num ótimo clima de festividade, onde o *fair-play* assumia um papel na pontuação das aulas, procurando desenvolver as relações de amizade entre os alunos da turma. O evento culminante marcou o término desta unidade temática/época desportiva e procurei passar-lhes a mensagem para que este momento fosse de grande festividade.

Resumidamente, este modelo, quando aplicado, traz grandes vantagens ao processo de ensino-aprendizagem. Os alunos durante as épocas desportivas, além de desenvolverem as suas habilidades motoras e ampliarem os seus conhecimentos pelo desempenho de várias funções, aprendem a criar o sentimento de filiação e entreajuda, pelos laços estabelecidos com os restantes colegas.

Devo também referir que, a não aplicação deste modelo pela grande maioria de Professores efetivos, deve-se ao facto de sentirem que sairiam da sua área de conforto e que teriam de mudar radicalmente as suas rotinas de trabalho, exigindo mais empenho e dedicação. Esta autonomia e responsabilidade dada aos alunos, é vista como algo longínquo principalmente em turmas de 6º ou 7ºano. Porém, se os alunos iniciassem a aplicação do MED desde anos preparatórios, os alunos ganhavam iniciativas de trabalho e fomentavam desde cedo o espírito de grupo.

4.4 A Importância das Reflexões e das Observações

Refletir e observar foram dois atos constantes no meu Estágio Profissional. A prática reflexiva e a observação estão intrinsecamente ligadas e como refere Ferreira (2013), refletir sobre o que observamos é olhar para nós, professores, e o que é que nós estamos a fazer com os nossos aprendizes.

Porém, de acordo com Schön (1987), pode distinguir-se a reflexão na ação, a reflexão sobre a ação e a reflexão sobre a reflexão na ação. O mesmo autor refere que os dois primeiros tipos são essencialmente reativos, separando-os apenas o momento em que têm lugar, o primeiro ocorrendo durante a prática e o segundo depois do acontecimento, quando este é revisto fora do seu cenário. É ao refletir sobre a ação que se consciencializa o conhecimento tácito, se procuram crenças erróneas e se reformula o pensamento.

Segundo Batista (2008) é crucial que na formação inicial se trabalhe a reflexão de forma a dar resposta aos conhecimentos e ao grande volume de informação que dificulta o seu processamento. As observações sistemáticas e posteriores reflexões aos meus colegas de núcleo foram determinantes na minha formação como professora, pois todos os erros observados, todas as tarefas realizadas com sucesso e todas as opções e soluções que tomavam auxiliavam-me direta ou indiretamente nas minhas aulas. Quando observamos um erro de um colega estamos automaticamente a interiorizar no nosso cérebro que não podemos repeti-lo com a nossa turma. O excerto seguinte mostra o pouco cuidado que um colega estagiário teve com a cultura desportiva da sua turma, e após esta observação, o meu cuidado com este aspeto foi redobrado:

“A cultura desportiva dos alunos tem de ser reforçada pelo Professor, pois a maioria dos alunos quando terminava o seu jogo, ao invés de ir por fora dos campos, passavam

pelo meio e muitas vezes interrompiam o jogo dos colegas.”
(Observação nº 7 – 21/05/2013)

De acordo com Cunha (2008), reconhecendo que o ato educativo é complexo e imprevisível, a reflexão parece ser um processo mediador da teoria e da prática e um mecanismo regulador entre as crenças, as teorias dos professores e as evidências das práticas. Assim, o professor deve desenvolver capacidades de reflexão sistematicamente, interrogando-se sobre os acontecimentos da aula e procurando interpretações do que foi vivenciado, questionando o que fez para que haja uma manutenção ou evolução de comportamentos na sua prática.

Grão a grão, é através das observações e reflexões, que se vai reconstruindo os conhecimentos, os sentimentos e as ações e apercebemo-nos que o ensino aprendizagem não é apenas uma disposição ou conjuntos de estratégias pré elaboradas. Contudo, Langer-Sparks e Colton (cit. Machado 2010) identificaram cinco fases do processo reflexivo:

- 1.Reconhecimento de uma situação – problema;
- 2.Resposta ao problema, reconhecendo as semelhanças com outras situações e qualidades especiais da situação particular;
- 3.Elabora-se e reformula-se as soluções do problema;
- 4.Experimentar as soluções e descobrir as consequências e implicações das várias soluções;
- 5.Examinar as consequências intencionais e não intencionais de uma solução implementada e reavaliar a solução, determinar se as consequências são desejáveis ou não.

Relativamente às aulas que lecionava, sempre que passava para o exercício seguinte e verificava que o anterior tinha sido um fracasso, ou que pelo menos algo tinha falhado, estava a fazer uma reflexão sobre a minha ação, pois essa reflexão era ainda realizada durante a prática (a aula), isto é, era imediata.

Depois da aula, refletindo sobre a minha atuação, ou seja, na minha reflexão sobre a ação, tentei sempre ser crítica relativamente ao meu trabalho, tendo a preocupação de refletir o que correu pior ou melhor, para que desta forma pudesse compreender a razão pelas minhas tomadas de decisão. Após estes momentos intrínsecos, procurava alternativas plausíveis de forma a colocá-las em prática nas aulas seguintes.

Neste processo que realizava sistematicamente, pretendia encontrar justificações para alguns dos comportamentos dos meus alunos e fixava estratégias de modo a alterar a minha atuação em casos semelhantes. Deste modo, comecei a encarar o momento de reflexão essencial para a minha formação neste ano de Estágio Profissional.

As reflexões orais feitas com o núcleo de estágio também se revelaram fundamentais e talvez as mais importantes inicialmente, para que conseguisse compreender se as tarefas que propunha aos alunos eram as mais adequadas para o ensino das habilidades motoras do momento.

Posteriormente procedia à reflexão sobre a reflexão na ação, verificando se a aprendizagem dos alunos tinha melhorado e se os objetivos das estratégias tinham sido cumpridos. Caso as estratégias planeadas tivessem falhado, refletia novamente e voltava ao início, de forma a perceber o que tinha errado e porquê. As crenças e conceções que tinha de determinadas práticas eram construídas e reconstruídas até conseguir o resultado pretendido.

Refletir de forma sistemática sobre a nossa prática pedagógica significa que procuramos aperfeiçoar o nosso trabalho. Como refere Perrenoud (2002) um professor reflexivo não para de refletir a partir do momento em que consegue sobreviver na sala de aula, no momento em que consegue entender melhor a sua tarefa e em que a sua angústia diminui. Ele continua progredindo na sua profissão mesmo quando não passa por dificuldades nem por situações de crise, por prazer ou porque não pode evitar, pois a reflexão transformou-se em uma forma de identidade e satisfação profissional.

Posto isto, considero que as reflexões contribuíram eficazmente para o meu desenvolvimento pessoal e profissional, percebendo que em cada

narração que elaborava sobre a minha ação e/ou a dos meus colegas, desafiava-me conscientemente a ultrapassar as dificuldades e lacunas existentes.

4.5 O Peso da Avaliação

Para mim a parte mais difícil... Numa turma em que a maior parte dos alunos consegue atingir praticamente todos os objetivos e em que cumprem com todos os critérios das habilidades motoras como vou diferenciar as notas? Serei justa? Estas foram as minhas primeiras dúvidas acerca da avaliação.

Avaliar é, essencialmente, verificar se os resultados foram alcançados, isto é, verificar até que ponto as metas previstas foram atingidas. De acordo com Rosado & Colaço (2002) avaliar é estimar, apreciar, calcular o valor de uma coisa. Nesse sentido, avaliar é uma atividade humana constante, já que a todo o momento temos que recolher informação do meio, valorizar essa informação e decidir em conformidade. Trata-se de um mecanismo básico do processamento de informação por parte dos seres humanos.

Torna-se, portanto, extremamente importante analisar o próprio ensino e mesmo que este constituía um incómodo, o mesmo é necessário (Bento, 1987). Para uma boa avaliação o Professor deve trabalhar a sua observação e reflexão, para que essa tarefa se simplifique com o tempo e que não seja algo a recear.

A atribuição das classificações tem a intenção de comunicar aos alunos os seus desenvolvimentos relativamente às expetativas delineadas e, funciona também, como fator motivador para o futuro. Serve, igualmente, para informar os encarregados de educação face às prestações do seu educando nas diferentes disciplinas (Siedentop & Tannehill, 2000).

Na Escola Secundária de Rio Tinto, no ensino secundário (10º, 11º e 12º ano) e na disciplina de Educação Física os alunos são avaliados em duas grandes competências: *domínio cognitivo e motor* (90%) e *domínio sócioafetivo* – competências transversais: atitudes e valores/cidadania (10%).

No que se refere à competência do domínio cognitivo e motor, este incorpora parâmetros tais como: a competência, a destreza motora e as

atitudes em contexto de aula. Neste domínio avalia-se se os alunos possuem o conhecimento da finalidade dos exercícios e das regras básicas, assim como, se conseguem executar corretamente os gestos técnicos abordados. Os comportamentos na aula, tanto pessoais (tais como a assiduidade) como em grupo (fair play) são também contabilizados neste domínio. Já na competência do domínio sócioafetivo a avaliação incidiu sobre os parâmetros de responsabilidade, participação, sociabilidade, autonomia e espírito crítico.

Todas estas competências, domínios e parâmetros foram aprovados pelo departamento de Educação Física da escola, sendo de cariz obrigatório para todos os docentes da disciplina.

Existem três tipos de avaliação que foram considerados e registados em todas as modalidades lecionadas ao longo do ano: avaliação diagnóstica, avaliação formativa e avaliação sumativa. A avaliação diagnóstica é o primeiro registo para a preparação inicial da aprendizagem; a avaliação formativa não é mais do que uma averiguação da existência de dificuldades por parte do aluno durante a aprendizagem; e por último a avaliação sumativa que consiste no controlo sobre se os alunos atingiram os objetivos fixados previamente.

Na primeira avaliação realizada, necessitei do auxílio dos meus colegas de estágio (assim como eles necessitaram do meu na primeira avaliação diagnóstica que aplicaram às suas turmas) para a realizar, pois não conhecia a turma e achava completamente impossível observar e avaliar inúmeros critérios a 27 alunos numa só aula. Na modalidade seguinte, ficou tudo a meu cargo, mas como já conhecia todos os alunos, consegui realizar a avaliação no tempo previsto. Modalidade após modalidade, o tempo previsto na maior parte das vezes, até sobrava. Facto que só realça a importância de conhecer a turma e que a experiência, assim como a afinidade com a modalidade traz-nos mais segurança, competência e rapidez no nosso trabalho.

Relativamente à avaliação formativa, não tinha uma aula específica para o fazer pois ia retirando notas todas as aulas, pequenos apontamentos, que descreviam as dificuldades dos alunos e que me iam elucidando sobre o ponto

de situação que eles se encontravam e se a sua evolução estava a ser a pretendida.

Por fim, na avaliação sumativa, essa sim era a que mais me fazia suar, pois tinha plena noção que os alunos a encaravam como a mais importante e concentravam-se para naquela aula darem o seu máximo. Esse “peso” inicialmente também me afetava um pouco devido à minha inexperiência e ao elevado número de critérios que tinha para avaliar. Sabia que a partir das avaliações finais das unidades temáticas, surgiriam as classificações brutas que iriam ter mais peso na nota do final do período. Como referem Siedentop & Tannehill (2000) a avaliação sumativa é efetuada no final de uma unidade temática com o objetivo de avaliar o resultado final das aprendizagens e o progresso do aluno, com o propósito de comparação ou de graduação dos alunos. Posteriormente, conseguindo diferenciar bem os alunos, era mais fácil compará-los, apesar de nesta avaliação já praticamente ter as notas atribuídas, devido aos apontamentos que ia fazendo na avaliação formativa e, desta forma, apenas verificava se deveria fazer alguma alteração por algum caso excecional de algum aluno que naquela aula conseguisse realizar melhor alguma das habilidades motoras avaliadas.

O meu caminho foi sempre construído aos poucos e esta fase foi mais uma dos trilhos. Sei agora que o processo de avaliação foi sempre bem orientado e gerido por mim, com a preciosa ajuda do Professor Cooperante, pois sempre me guiei pelo caminho dos objetivos traçados para o processo de ensino aprendizagem.

4.6 As Aulas “Diferentes”

“Professores eficazes criam um ambiente para a aprendizagem.” (Rink, 1996)

4.6.1 A surpresa

Desde o início do ano, tinha programado (nem que fosse em forma de rascunho), aulas que fugissem um pouco ao que o Grupo de Educação Física tinha planeado para as turmas de 10ºano. A minha intenção era que fossem algumas atividades que os alunos nunca tivessem vivenciado e que apelasse um pouco à criatividade entre as mesmas para que tivesse um efeito surpresa.

Surgiu a primeira ideia... o **Step**. Uma aula de Step seria inicialmente um pensamento mirabolante pois com uma turma maioritariamente masculina o fator surpresa poderia tornar-se catastrófico. Contudo, esta aula fez lembrar a célebre frase de Fernando Pessoa para a Coca-Cola *“Primeiro estranha-se. Depois entranha-se.”*. A vergonha de fazerem “má figura” em frente aos colegas, da maioria dos alunos, facilmente foi ultrapassada com a vontade de me acompanharem na coreografia. Mais uma vez o que estava em causa não era a minha competência para dar uma aula de step, mas se teria competência para encaminhar a aula ao sucesso. Objetivo pretendido...objetivo alcançado! Esse facto pode verificar-se na reflexão que realizei da aula:

“Foi uma aula completamente diferente para os alunos e algo que nunca tinham vivenciado. Todo o esforço que fiz para conseguir ter os steps e todo o trabalho que tive para transportá-los para a escola valeu a pena no final. Senti que tinha sido uma excelente aula e que estes momentos com maior intensidade de recreação também eram produtivos, educativos e acima de tudo mostrei aos alunos que o Desporto e a Educação Física não se resume às modalidades que aprenderam até ao momento. Existe muitos outros desportos que não conhecem mas que certamente iriam gostar se tivessem a oportunidade de experimentar.” (Reflexão da aula nº47, 16/04/2013)

4.6.2 A dúvida

Relativamente à aula caracterizada como “diferente” que se seguia, surgiu quase que como um brinde após uma conversa com um colega de estágio, atleta de **Judo**. Optei por convidar o meu colega estagiário a dar a aula e resultou em forma de fator surpresa. Alguém muito experiente proporcionaria uma experiência mais rica aos meus alunos. Seria, mais uma vez, uma aula que os alunos não esperariam, ser outro Professor a orienta-los e ensiná-los sobre uma modalidade que não tinham experimentado e que que a maioria tinha imensa propensão em ser bem-sucedido, devido às suas capacidades físicas individuais. Estarem equipados a rigor foi um condimento essencial para que o entusiasmo fosse acima do normal. O excerto seguinte, demonstra claramente e resumidamente a dificuldade que o colega estagiário teve no controlo da turma com o desenrolar do tempo de aula. No final tive ainda direito a um desabafo em forma de elogio:

“O Professor convidado iniciou a aula com uma breve apresentação sua e da modalidade. Todos os alunos estavam concentrados e inicialmente como tudo era novo não se ouvia um mínimo ruído. Contudo, exercício após exercício por vezes o Professor tinha dificuldades em controlar a turma, mas conseguia utilizando sempre uma postura séria e aumentando um pouco a voz. Chegou mesmo a dizer-me no final da aula em forma de desabafo “Precisas mesmo de ter pulso para controlá-los...”.”
(Reflexão da aula nº52, 3/05/2013)

Este inocente comentário em forma de elogio fez-me refletir sobre os comportamentos desviantes de muitos alunos. Será que podia considerar e minha turma como indisciplinada? Será que nas aulas lecionadas por mim eles tinham comportamentos que observei nesta aula? Após alguma pesquisa encontrei uma definição de indisciplina no contexto escolar: *comportamento indisciplinado como qualquer ato ou omissão que contrarie alguns princípios de uma norma, regulamento ou regra básica estabelecida por uma escola, pelo professor ou por uma comunidade* (Estrela, 1992). Mais uma vez, após a leitura

desta definição, surgiram-me novas dúvidas: Mas será que existe alguma turma que durante um ano letivo completo, os alunos não mostrem atos de indisciplina? Não recorrendo a bibliografia mas conversando com Professores com anos de experiência, todos me responderam que em todas as turmas há indisciplina, seja regular ou como ato isolado. Desta forma, fiquei mais tranquila e ao refletir sobre o assunto cheguei à conclusão que o entusiasmo dos alunos, a inexperiência do meu colega e o facto de ele não conhecer a turma é que levou a este comentário no final. Na realidade aquela agitação da turma era normal, mas desta vez eu vi a minha turma noutro ângulo.

Apesar desse acontecimento, os alunos adoraram a aula e já me perguntavam quando iria ser a próxima.

4.6.3 A certeza

Já na reta final do ano letivo preparei uma atividade, designada como **“Visita de Estudo à Faculdade de Desporto”**, ao pormenor para que os meus alunos a guardassem na sua memória como um dos melhores momentos do seu 10º ano:

“Esta visita de estudo foi a única que tiveram neste ano letivo devido ao mau comportamento da turma nas aulas de todas as disciplinas. Apesar disso, quis dar aos alunos uma oportunidade de provarem que também sabem estar e comportar-se como prés adultos, assim como premiá-los pelo ótimo desempenho que mostraram ter nas minhas aulas ao longo do ano letivo.

Para mim foi bastante gratificante ver os “meus meninos” de um outro prisma e saber que todos estavam presentes porque queriam mesmo estar e participar em tudo o que tinha organizado para eles.” (Reflexão da aula nº62, 4/06/2013)

Esta atividade consistiu em dar aos meus alunos a oportunidade de conhecerem as instalações da faculdade através de diferentes experiências: uma visita guiada, uma corrida de orientação pela parte exterior das instalações e subirem a parede de escalada da sala de rítmica.

Tudo correu conforme o planeado e era notória a felicidade estampada nas suas caras. Fora da sua área de conforto (a escola) o comportamento estava totalmente alterado. Pareciam estudantes finalistas do secundário quando entram pela primeira vez numa universidade e se deslumbram com tudo o que há de novo. Senti que todo o meu esforço tinha sido recompensado só ao visualizar aquele momento.

“Somente com o coração se pode ver corretamente; o essencial é invisível aos olhos.”

(Saint-Exupéry)

4.7 Envolvimento Feminino no Futsal: Grupo de Desporto Escolar – Escola Secundária de Rio Tinto

4.7.1 Resumo

O presente estudo teve como principal objetivo conhecer as motivações e vivências associadas ao envolvimento das atletas do Grupo de Desporto Escolar – Futsal feminino da Escola Secundária de Rio Tinto. Para este efeito, realizei uma investigação de carácter qualitativo, através da aplicação da entrevista a uma amostra de oito atletas (idade média = 17,75; desvio padrão = 1,035098). Para análise e interpretação dos dados obtidos procedi à análise de conteúdo. Os resultados revelaram que: (i) as principais motivações das atletas para a prática e escolha da modalidade de Futsal foram as influências do grupo de pares, a prática desportiva e a preferência pela modalidade; (ii) os principais fatores de sustentabilidade à prática do Futsal no Desporto Escolar foram fatores Físicos – que incidiram sobre os treinos e as competições – e fatores Sociais - suporte familiar, de pares e do próprio grupo do Desporto Escolar; (iii) as experiências na prática da modalidade denunciaram à discussão traços de estereotipia de género, mostrando que o envolvimento do grupo com um desporto colectivo como o Futsal é um caminho que a investigação deve evidenciar. Foi perceptível a realidade destas adolescentes no que recai à preferência de uma modalidade que nos tempos que correm ainda é caracterizada como sendo essencialmente masculina. Este estudo pretende incidir e conferir pertinência às significações relacionadas com o envolvimento feminino no Futsal.

4.7.2 Introdução

A escola deve ter um papel fundamental na motivação das raparigas para a adesão de um estilo de vida ativo e saudável e deve-se preocupar com a acessibilidade das suas alunas ao desporto, já que são as raparigas que possuem menos ofertas e incentivos de prática desportiva fora da escola (Carmo, 2003) e é na escola que muitas delas têm a única oportunidade de praticar desporto organizado (Silva et.al.,2006).

A inclusão do Futsal na escola, e mais especificamente no Desporto Escolar, faz com que este desporto se possa desenvolver, pois é na escola que as crianças têm o primeiro contato com a modalidade e, é nestas idades que se desenvolve o gosto pela modalidade (Costa, 2004). Por outro lado, apesar de existirem estudos nacionais e internacionais sobre o Desporto Escolar, são escassos aqueles que focam esta temática relacionada com a participação das raparigas (Mateus, 2010).

A escolha do tema *“Envolvimento Feminino no Futsal: Grupo de Desporto Escolar – Escola Secundária de Rio Tinto”* derivou essencialmente de um obstáculo aquando da escolha da modalidade de Desporto Escolar que gostaria de acompanhar durante o ano letivo. A minha vivência e experiência pessoal contribuíram para que a minha primeira escolha incidisse sobre o Futsal. Sou atleta federada há 11 anos e também fui aluna do Desporto Escolar (de Futsal) durante o ensino secundário. Este ano como Professora Estagiária tentei acompanhar o Desporto Escolar – Futsal Feminino, mas por alguma falta de sensibilidade e disponibilidade do professor responsável pelo grupo, não foi possível. Assim, já que não me foi possível acompanhá-las diretamente, decidi fazer este estudo para perceber como as alunas desta escola percecionam e se envolvem na prática desta modalidade através do Desporto Escolar.

Este estudo teve como objetivo geral conhecer as motivações e vivências associadas ao envolvimento das atletas do Grupo de Desporto Escolar – Futsal feminino da Escola Secundária de Rio Tinto. Deste objetivo emergiram quatro objetivos específicos: (1) Identificar as motivações associadas à prática e à escolha do Futsal; (2) Identificar fatores que conferem

sustentabilidade à prática de Futsal; (3) Identificar os objetivos das atletas, as suas experiências na prática de Futsal; (4) Conhecer os estereótipos sociais no Futsal feminino: experiências e preconceitos.

4.7.3 Grupo de Estudo

A amostra foi composta por oito atletas (idade média = 17,75; desvio padrão = 1,035098) de Futsal do Desporto Escolar da Escola Secundária de Rio Tinto. Tratou-se de uma amostra não-probabilística criteriosa, isto é, representa-se a si mesma pelos seguintes critérios: (i) serem do sexo feminino; (ii) serem praticantes de Futsal no âmbito do Desporto Escolar; (iii) participar no Desporto Escolar da Escola Secundária de Rio Tinto. O grupo foi selecionado segundo estes critérios e os seus elementos correspondem às atletas que se mostraram disponíveis para, voluntariamente, participarem no estudo. Inicialmente disponibilizaram-se dez atletas para este estudo, porém duas desistiram de integrar o grupo, e por consequência, de participar no estudo.

Deste grupo, apenas cinco das oito atletas ainda estudavam na Escola Secundária de Rio Tinto, sendo que duas frequentavam o primeiro ano de Faculdade e uma tinha abandonado os estudos e iniciado a sua vida profissional. Contudo, estas alunas participavam no Desporto Escolar, pois no ano transato eram alunas desta mesma escola e podiam continuar a integrar neste grupo com a autorização do professor responsável por esta modalidade. Para uma melhor compreensão, apresento no quadro nº1 a distribuição das participantes segundo a idade e a frequência do ano escolar:

Quadro nº 1: Distribuição das participantes segundo a idade e a frequência do ano escolar.

Sujeito (Nomes Fictícios)	Blue	Red	Green	Orange	Black	Pink	Yellow	White
Variáveis								
Idade	19	18	17	16	19	17	18	18
Ano que frequentam	12º	1ºano ISEP	11º	10º	Trabalha	12º	1ºano FADEUP	12º

4.7.4 Metodologia

Este estudo segue os parâmetros da investigação qualitativa e tem como técnica central, a entrevista. De acordo com Bogdan & Biklen (1994) em investigação qualitativa, a entrevista pode ser utilizada de duas formas, nomeadamente constituir a estratégia dominante para a recolha de dados ou ser utilizada em conjunto com outras técnicas, como sejam a observação, a análise documental e também como complemento da investigação quantitativa, que nas ciências sociais e humanas é frequentemente complementar à técnica do inquérito por questionário. Em todas estas situações, a entrevista é utilizada para recolher dados que refletem emoções, motivações e atribuições de sentido e que, na linguagem do próprio sujeito, permitem ao investigador contextualizar e interpretar esses dados à luz de um quadro teórico ou com o intuito de criação de novos conceitos.

A escolha da entrevista foi imediata, pois queria ter contato com as atletas, observar as suas reações e conceder a interpretação aos significados atribuídos à prática de futsal feminino. Por apresentar características de proximidade com as pessoas, a entrevista apresentou a melhor opção como técnica central deste estudo, na medida em que não se obtém os dados de uma forma distante, tal como o questionário, mas permite associar o conteúdo da oralidade à emoção das palavras.

A entrevista tem três tipologias de estruturação, nomeadamente a entrevista estruturada, semiestruturada e não estruturada. No presente estudo aplicou-se a entrevista semiestruturada. Neste tipo de entrevista, o/a entrevistador/a elabora um guião que lhe permite ter alguma liberdade para desenvolver e aprofundar, com a introdução de novas questões, os aspetos que melhor respondem aos seus objetivos. Nesse sentido, é uma técnica que apresenta vantagens para o tipo de estudo que se desenvolve, na medida em que é uma técnica flexível. Segundo Thomas & Nelson (2002), o/a entrevistador/a pode observar as reações do entrevistado, e assim, compreender melhor algumas situações que possam eventualmente acontecer. Os autores referem também que o/a entrevistador/a nunca deve dar a sua

opinião, nem argumentar com o entrevistado. É, portanto, uma técnica que exige muita prática do/da entrevistador/a, pois facilmente pode resvalar para opiniões pessoais, preconceitos, julgamentos e desvio às questões centrais.

Assim, o instrumento “Guião da Entrevista” (ver anexo I) foi concebido à luz dos conceitos teóricos que compõem os objetivos deste estudo. Para atingir os objetivos, a recolha de dados foi uma experiência árdua e simultaneamente cativante. Devo descrever as dificuldades e as aprendizagens desta experiência, pois foi uma importante fase de todo este processo. Não tendo qualquer experiência com este tipo de investigação e com a aplicação da entrevista, as primeiras entrevistas realizadas denunciaram a exigência na aplicação da técnica, na medida em que não consegui explorar e aprofundar aspetos relevantes das entrevistas. Mas mais importante foi fazer parte desse processo, foi fantástico observar o brilho dos olhos quando se pronunciavam sobre o seu gosto pela modalidade. Entrevista após entrevista, esta fase da investigação deu-se por concluída, e apesar de dificuldades na marcação das entrevistas por incompatibilidades na disponibilidade das atletas, foi possível superar obstáculos, corrigir algumas lacunas e perceber que o meu trabalho de aplicação da técnica foi evoluindo positivamente, pela melhoria na condução do guião, no envolvimento das entrevistadas, aprofundando um pouco mais os temas e não me contentando com respostas superficiais.

Antes do início de cada entrevista, cumpri todos os procedimentos éticos que a aplicação desta técnica exige. Assim, informei todas as entrevistadas sobre a natureza do estudo e quais os seus objetivos, assim como o respeito pela voluntariedade disponibilizada, a garantia de confidencialidade e anonimato e também a autorização de cada atleta para poder efetuar a gravação.

À recolha dos dados seguiu-se a etapa de transcrição de entrevistas, importante, na medida em que me permitiu averiguar a natureza e a qualidade dos dados com maior pormenor. Neste percurso, optei pela transcrição integral das falas, isto é, tentei respeitar ao máximo a oralidade.

Na investigação qualitativa, o tratamento dos dados não segue procedimentos estatísticos. A análise que se aplica é a análise de conteúdo

(Bardin,1977)¹. A análise de conteúdo respeita um processo composto por três etapas que passo a descrever, adaptando à minha experiência neste trabalho. A primeira etapa “a *pré-análise*” consiste numa análise prévia dos dados recolhidos, isto é, das informações das entrevistas, procurando ter um conhecimento mais aproximado dos dados ainda em bruto. A segunda etapa “a *codificação*” traduziu-se na classificação do conteúdo em “categorias”. Encontrada a coerência entre essas categorias, foi elaborado um modelo categorial. Defini esse modelo de categorias, devidamente orientado pela categoria-mãe, e procedi à última etapa desta análise. A codificação é pois, a tarefa que consiste no agrupamento dos conteúdos no modelo categorial (ver anexo II). Poderia ter utilizado o Software NVivo10 para toda a etapa da análise do conteúdo, porém não foi necessário dada a pequena dimensão da amostra.

4.7.5 Apresentação e Discussão dos Resultados

1.Motivações associadas à prática e à escolha do Futsal

A análise de conteúdo permitiu conhecer as motivações e vivências associadas ao envolvimento com a prática de Futsal e com a escolha por esta modalidade referentes às atletas do Grupo de Desporto Escolar de Futsal feminino da escola Secundária de Rio Tinto.

As respostas mais relevantes para o estudo incidiram sobre as motivações da participação das atletas no Desporto Escolar (figura 1) e sobre a escolha da modalidade em questão (figura 2):

¹ Optei por usar esta Referência Bibliográfica e não uma de um autor mais recente, porque esta autora ser um clássico e deixar um marco bastante vincado na compreensão da análise do conteúdo.

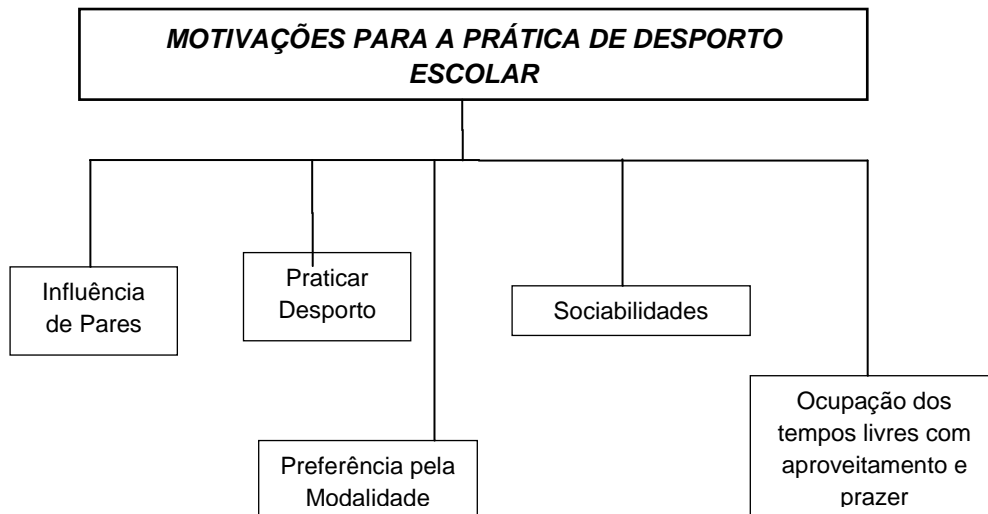


Figura 1 – *Motivações para a prática de Desporto Escolar.*

É de realçar que para a mesma questão - *O que te motivou a participar no Desporto Escolar?* - as atletas entrevistadas apresentaram respostas tão diversas, mostrando que o campo das motivações associadas à prática desportiva é vasto e complexo. Este aspeto é o ponto de partida para se perceber o que entrevistadas procuram quando se inscrevem no Desporto Escolar. Na “figura 1” estão dispostas as categorias em que inseri as respostas de cada entrevistada, porém existem categorias que apresentam um padrão relevante, nomeadamente a categoria “Influência de Pares”. Uma parte significativa das entrevistadas afirmou ter ingressado no grupo por influência, conselho ou persistência de uma ou várias amigas: *“Uma colega minha falou comigo e perguntou-me se eu queria experimentar e eu fui...”* - Red.

Segundo DeMartis (2006) o grupo dos iguais (ou pares) é um importante fator de socialização, exercendo uma particular influência no fim da infância e na adolescência. Trata-se de uma fase em que os indivíduos conquistam uma identidade relativamente estável, muitas vezes através de uma reação negativa perante os modelos apreendidos na família e na escola. O grupo dos iguais é então importante, porque propõe novas normas e valores, no seio de uma dinâmica interativa entre pares. Estas relações são mais democráticas do que

as que existem entre progenitores e filhos. O termo “pares” indica sujeitos “iguais” e as relações de amizade entre crianças tendem a ser razoavelmente igualitárias. Estando baseadas em mútuo consenso, mais do que na dependência, como é típico da situação familiar, as relações entre pares preveem uma intensa troca de dar e receber, num contexto de interação em cujo seio as regras de conduta podem ser postas à prova e exploradas. As relações entre pares permanecem, muitas vezes, importantes para toda a vida. Assim, não é de ignorar que a categoria “Influência de Pares” apareça com relevo quando as atletas referem as influências para a prática desportiva e para a escolha da modalidade Futsal.

Os dados obtidos revelam também uma aproximação e um envolvimento relativamente à prática desportiva, evidenciado pela categoria “Praticar Desporto”: “...decidi fazer mais desporto.” – *Blue*, “*Gosto de praticar desporto...*” – *Orange*. A “Preferência pela Modalidade” teve também grande enfoque, salientando-se principalmente o gosto pela sua prática ou simplesmente pela modalidade: “*Eu sempre gostei do Futsal...*” – *Red*, “*Foi o meu gosto pelo Futsal...*” – *Yellow*, “*Eu sempre gostei de jogar...*” – *Pink*. Os campos das “Sociabilidades” e de “Ocupação de tempos livres com aproveitamento e prazer” foram também categorias que surgiram dos dados. Embora menos evidenciadas, elas surgem associadas a motivações relevante para a prática desportiva. Assim, referem que: “*fazer novas amizades... conhecer pessoas novas também.*” – *Black* e “aproveitar da melhor forma o seu tempo livre “*...para aproveitar os tempos livres...*” – *Green*.

Relativamente à questão – *Optaste pelo Futsal. Porquê?* – as respostas foram novamente variadas, embora todas demonstrem que o fascínio pela modalidade é o mais privilegiado. Deste modo, na figura 2 estão dispostas as categorias pelas quais dividi as respostas das entrevistadas.

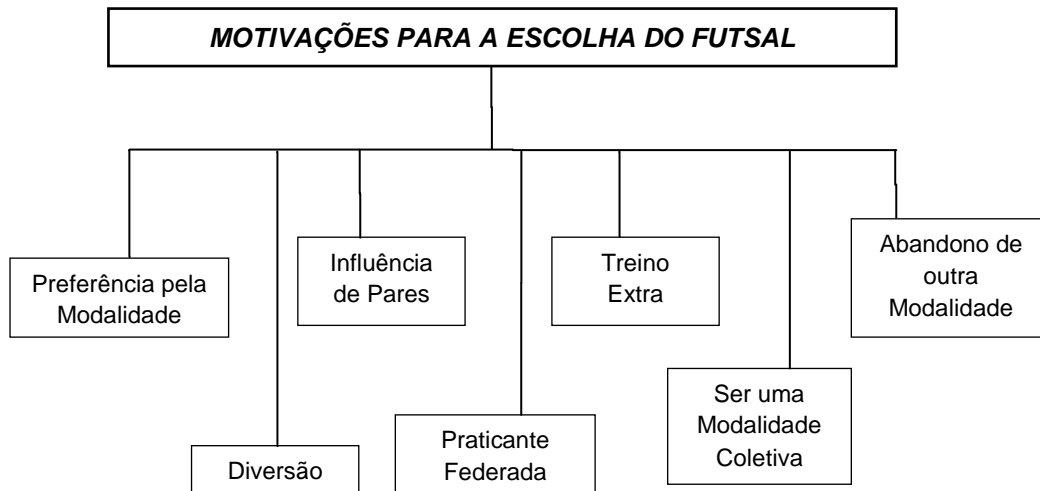


Figura 2 – *Motivações para a escolha do Futsal.*

É de realçar que todos os elementos da amostra tinham conhecimento da variedade de escolha de modalidades de Desporto Escolar que a escola oferecia, mas não tiveram dúvidas aquando das inscrições.

A categoria “Preferência pela Modalidade” foi a resposta da maioria das atletas *“Porque de todas é a que mais me fascina...”* - Black, que normalmente reforçava com algo complementar que integrei noutras categorias, como por exemplo a “Diversão”: *“A adrenalina de estar dentro de campo...”* – Black. Todavia, algumas entrevistadas afirmaram que além do gosto pela modalidade, a sua escolha também estava condicionada pela escolha das amigas, deste modo, a categoria “Influência de Pares” está novamente inserida nesta questão: *“...e como a minha amiga foi para lá, também fui!”* – Red.

Ser praticante a nível federado, fora da escola, também foram respostas significativas dadas pelas entrevistadas, pois a estima pelo Futsal já é vincada por esse facto: *“Uma das grandes razões é porque já pratico Futsal federado...”* – Orange. O Desporto Escolar é visto como uma forma de poderem treinar mais tempo, “Treino Extra”, de uma forma um pouco menos exigente: *“...foi uma forma de treinar mais um pouco.”* – Green. Apesar de menos patenteadas as categorias “Ser uma Modalidade Coletiva” e “Abandono de outra Modalidade” também surgiram em algumas respostas, mostrando que

o facto de puderem trabalhar em grupo é bastante importante para esta escolha: “...as coletivas motivam mais porque há mais apoio...” – Red e “...mas a competição de Natação não é para mim.” – White.

Deste modo, praticar uma modalidade invoca a importância de se contextualizarem as motivações associadas quer à prática desportiva, quer aos trâmites que definem o Futsal.

2.Fatores que conferem sustentabilidade à prática do Futsal no Desporto Escolar

De acordo com Pina (2002) para responder concretamente às necessidades e expectativas das crianças e jovens no desporto escolar é necessário construir um modelo organizacional ajustado à realidade portuguesa. No segmento desta orientação teórica, o segundo objetivo específico consiste em identificar os fatores que conferem sustentabilidade à prática de Futsal no Desporto Escolar. A entrevista permitiu conhecer a sustentabilidade escolar em termos das condições físicas dos treinos e das competições (figura 3) e suporte social (figura 4) das atletas deste grupo:

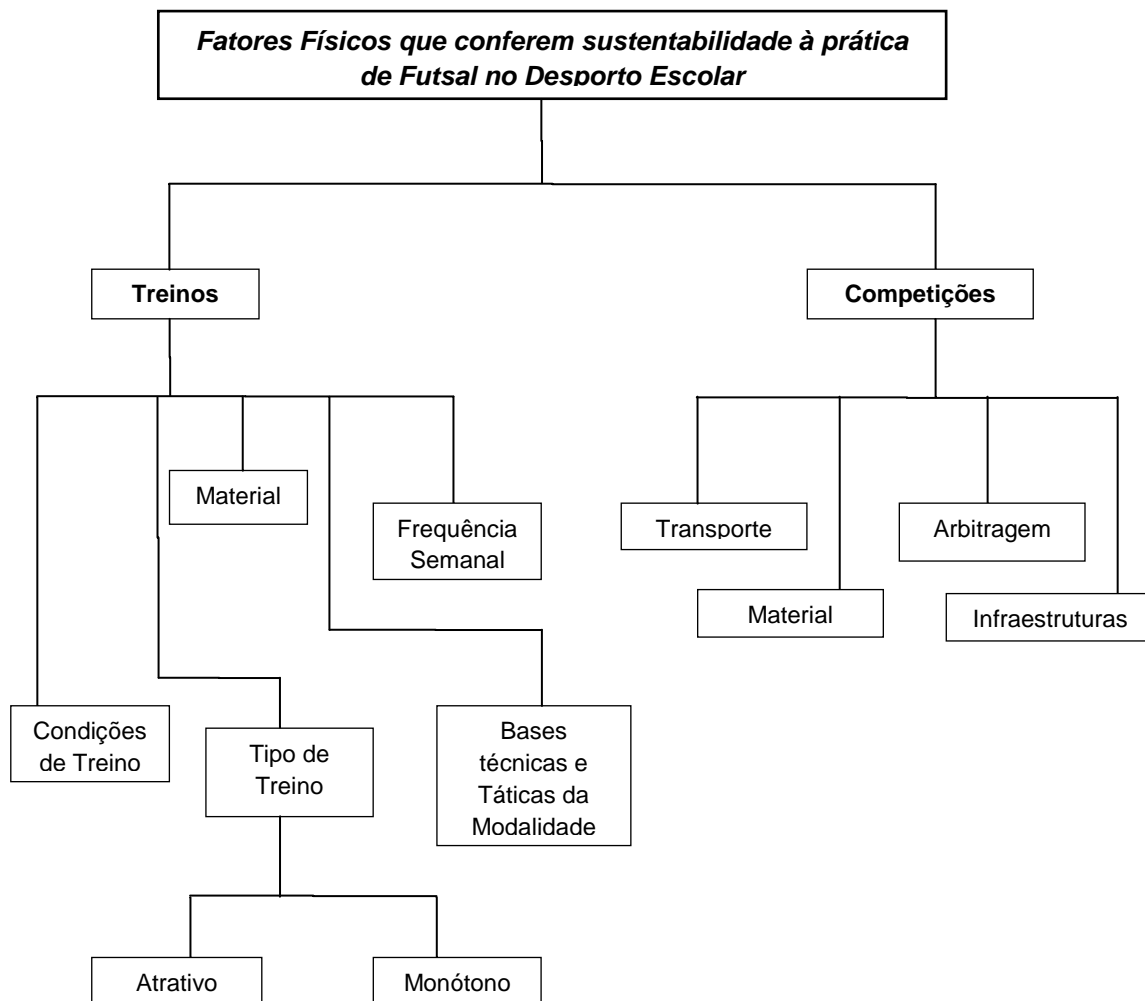


Figura 3 – Fatores Físicos que conferem sustentabilidade à prática de Futsal no Desporto Escolar.

As escolas devem providenciar as condições mínimas para as atividades desportivas, dentro das quais, docentes e treinadores qualificados; espaços, equipamentos e materiais adequados à prática desportiva durante todo o ano; tempos disponíveis para treino e competição separadamente e garantias de instalações e pessoal auxiliar indispensáveis à operacionalização das atividades internas ou externas (Ministério de Educação, 2009).

Foi colocada uma primeira questão neste segundo objetivo - *Em relação aos treinos de Futsal que são feitos nesta escola, o que é que te é proporcionado?* – e as respostas continuavam a pertencer a várias categorias

incidindo sobre o que lhes era oferecido enquanto pertencentes A este grupo de Desporto Escolar. A categoria em que houve maior consenso foi “Condições de Treino”, a maioria das entrevistadas referiram que as condições em que treinam estão acima do normal, tal como é evidenciado na transcrição: *“Nos treinos, temos todas as condições e são adequadas. Aliás comparado com outras escolas não nos podemos queixar...”* – Yellow. Foram escassas as respostas que evidenciaram insatisfação, mas não são de ignorar, apenas uma das atletas não se mostrou muito satisfeita *“As condições do pavilhão não estão muito boas...”* – White, referindo-se ao piso do pavilhão pois na sua opinião deveria ser remodelado. A atleta que mostrou uma opinião negativa relativamente às condições do pavilhão também se referiu negativamente à categoria “Material”, pois referiu que *“às vezes, temos falta de material...”* – White, apontando o facto de por vezes não haver bolas suficientes para fazerem treinos mais criativos e individuais.

Na categoria “Tipo de Treino” também houve respostas distintas, pois se algumas atletas achavam os treinos atrativos *“Nos treinos fazemos sempre situação de jogo, ficamos a conhecer as maneiras que o nosso stor gosta de jogar e as técnicas para fazer certas coisas.”* – Green, outras consideraram os treinos monótonos e notou-se alguma falta de entusiasmo no momento da resposta. Refere: *“...no início os treinos eram mais rigorosos, fazíamos exercícios e praticávamos. Este ano já não é a mesma coisa, porque as atletas estão mais desmazeladas.”* – Black. Contudo, na categoria “Bases técnica e táticas da Modalidade”, as respostas apenas tiveram uma trajetória e todas garantiram que desde a entrada no grupo, a sua aprendizagem tinha evoluído no modo como jogavam: *“...os treinos ajudam-nos a perceber as táticas...”* – Red e *“Tem-me proporcionado uma melhoria de técnica.”* – White.

Por fim, e no que se refere aos treinos, a categoria “Frequência Semanal”, foi ligeiramente referida, sendo que uma das entrevistadas não se mostrou muito satisfeita com a redução de treinos que tinha havido recentemente. Veja-se que *“Tínhamos dois treinos por semana mas passou a ser só um porque ninguém vinha há segunda-feira...”* – Green. Esta redução aconteceu porque normalmente compareciam ao primeiro treino da semana duas ou três atletas, e por vezes só mesmo o próprio Professor, e deste modo,

não conseguiam realizar um treino que as motivasse e com resultados positivos para o grupo.

Apesar de os pais serem os grandes responsáveis pela iniciação dos seus filhos na prática de determinado desporto, os treinadores assumem um lugar decisivo na motivação para a manutenção da prática desportiva dos seus atletas, devendo, por isso, serem capazes de transmitir valores, conhecendo e respeitando as suas capacidades, bem como os seus verdadeiros interesses e necessidades no desporto (Cordovil,1998; Adelino et al.,2000; McCallister et al.,2000).

Relativamente às competições, as respostas foram mais sucintas e agruparam-se em apenas quatro categorias, como se pode observar na figura 4. A categoria “Material” foi mais uma vez motivo de respostas distintas, pois se umas referiam que tinham todo o material necessário e que não necessitavam de mais nada “...temos tudo o que precisamos.” – *White*, outras referiam a falta de material, mais especificamente o reduzido número de bolas disponíveis “As bolas é que não são muitas...” – *Black*. No que se refere à categoria “Transporte”, as atletas mencionavam que normalmente tinham uma camioneta à disposição “...vamos para lá numa camioneta alugada pela escola.” – *Green*, mas que numa situação pontual tiveram de utilizar o transporte público para se deslocarem ao pavilhão onde se realizaria a competição “...o ano passado nós tivemos de ir de metro...” – *Blue*. As categorias “Arbitragem” e “Infraestruturas”, apesar de menos evidenciadas, também sobressaem pelo significado do conteúdo atribuído. Por exemplo, as entrevistadas referiram que o facto de, por vezes, a arbitragem ser feita por alunos da escola que recebe a competição prejudica a equipa contrária “...a única má condição são os árbitros mesmo...” – *Orange*, e o facto de as condições para esta mesma competição normalmente possuírem as condições mínimas “Depende de pavilhão para pavilhão, mas no geral as condições são boas.” – *Pink*.

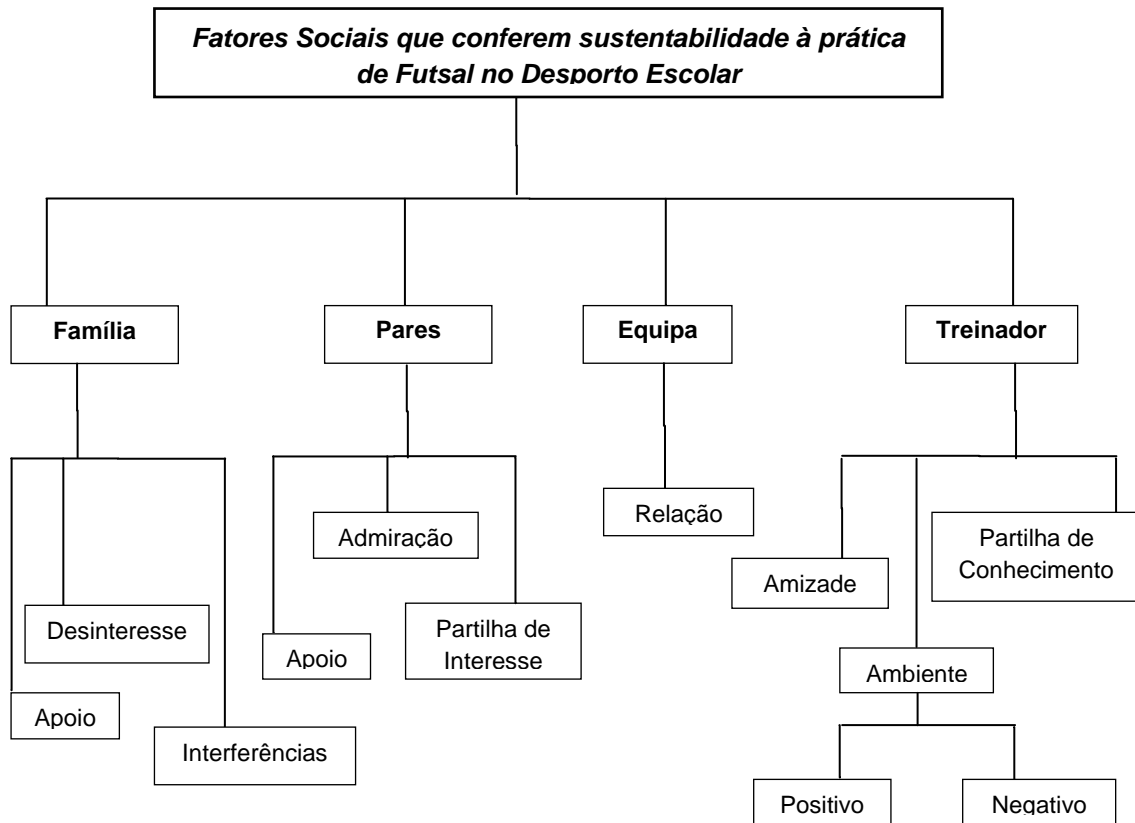


Figura 4 – Fatores Físicos que conferem sustentabilidade à prática de Futsal no Desporto Escolar.

É consensual na teoria que a atividade física tem uma grande importância na sociedade e percebemos que existe uma preocupação quanto à passagem destes valores para as suas gerações futuras. Os pais têm cada vez mais interesse e preocupação em dar a oportunidade aos seus filhos/as para praticar uma ou mais atividades físicas, desde muito novos, preocupados com o seu desenvolvimento motor e cognitivo, importância que em tempos passados não tinham grande relevância. Por outro lado, muitas vezes é perceptível que nem sempre são as atividades que os seus filhos/as gostam de praticar, mas por gosto ou crença dos pais, os/as filhos/as acabam por ter de praticar os interesses dos seus pais, sendo estes um dos seus grandes influenciadores (Mota & Sallis, 2002), podendo estas influências gerar atitudes e comportamentos positivos ou negativos nos adolescentes.

Deste modo, neste segundo objetivo específico tentei também conhecer a sustentabilidade social de cada entrevistada, e de que forma é que o seu

suporte familiar, de pares e de grupo de trabalho influenciaria no seu rendimento e na sua motivação para a prática do Futsal.

Em relação ao suporte familiar, após a devida análise da questão *“Qual a opinião dos teus pais ou familiares mais próximos de tu praticares Futsal?”*, destacou-se a categoria “Apoio”, pois a maior parte das entrevistadas realçou o incentivo dos pais e familiares na prática desportiva e na modalidade que escolheram, tal como refere *“Sempre me apoiaram e sempre foram eles que me incentivaram a praticar algum desporto.”* – Orange e *“O meu pai gosta porque sempre jogou Futsal.”* – Yellow. Porém, algumas das atletas referiram tristemente o desinteresse mostrado pelos seus parentes mais próximos *“...não dão grande importância, nunca me apoiaram nem deixaram de me apoiar, é-lhes indiferente.”* – White. Neste campo familiar, houve ainda espaço para uma terceira categoria “Interferências”, pois a preocupação primordial são os estudos e alguns pais têm receio que a prática de uma modalidade retire tempo de estudo aos seus filhos/as ou os desconcentre do fundamental *“...desde que isso não interfira com o meu desempenho escolar.”* – Red.

Segundo Hohepa et al. (2007) os/as alunos/as, desde que recebam apoio elevado a partir dos amigos ou pais, a probabilidade de se envolverem em jogos ativos durante a hora do almoço na escola aumenta. A falta de um efeito de incentivo dos pais sobre os alunos é potencialmente indicativo de uma maior importância das influências dos pares com o aumento da idade. Deste modo, suporte dos pares também é fundamental para a estabilidade das atletas e, após a análise pormenorizada, foi de salientar conteúdos positivos, dos quais se destacam três categorias: “Apoio”, “Admiração” e “Partilha de interesse”. O “Apoio” destaca o conteúdo que revela que apesar da diferença de género, a atleta mulher costuma jogar Futsal com os seus amigos homens e não se distingue deles só pelo seu sexo. Refere: *“...até me convidam para ir jogar com eles e tratam-me como uma deles quando estamos a jogar.”* – Red. Na categoria “Admiração” é notório o reconhecimento, na medida em que os pares reconhecem a capacidade técnica e tática das atletas, parecendo atuar como um fator prestigiante e essencial à interação entre os Grupos *“...gostam de aprender, até me fazem perguntas e pedem-me ajuda nas aulas de Educação Física.”* – Green. Por fim, a “Partilha de Interesse” torna perceptível

que a maioria das entrevistadas partilha com os seus pares a preferência e o gosto pela modalidade, não se confinando à prática da modalidade em si, mas transportando para o campo das sociabilidades o seu significado mais íntimo “...*também jogam e até me dão dicas para melhorar.*” – *White*.

Analogamente ao grupo de trabalho, seja a equipa (colegas) ou o treinador, as entrevistadas realçaram a importância do “ambiente no grupo” ser apropriado para obterem bons resultados. À questão “*Em termos da tua equipa, qual a relação entre as tuas colegas?*”, as respostas foram variadas, mas sempre com um aspeto comum, todas afirmaram ter uma ótima relação com a equipa: “*Dizem-nos que é raro ver uma equipa feminina tão unida...*” – *White*. Na questão seguinte “*Como é a relação treinador-equipa?*”, e após uma posterior análise, já se notaram opiniões desviantes principalmente na categoria “Ambiente”, pois tanto referiam positivamente que a equipa tinha uma boa relação com o treinador “...*sempre tentou que tivéssemos um ambiente, dentro do balneário e tudo, muito bom.*” - *Red*, como surgiam alguns comentários mais rápidos de algumas divergências entre algumas atletas e o professor/treinador “...*de vez em quando há discussões por causa de falhas dentro do campo...*” – *Orange*.

Epilogando este segundo objetivo específico, todos os fatores referidos que conferem sustentabilidade à prática do Futsal, especificamente no Desporto Escolar, têm extrema importância para as atletas atingirem a performance desejada. Tanto as condições proporcionadas, como o suporte familiar e de pares e o apoio do grupo envolvente (treinador e equipa) são fundamentais para a estabilidade psicológica, a suavização da ansiedade e a concentração desejada, tanto nos treinos como nas competições.

3.Os objetivos das atletas e as suas experiências na prática de Futsal

A última fase da análise do conteúdo permitiu conhecer os objetivos das atletas no Futsal (figura 5), assim como, o que esta experiência proporcionou de novo nas suas vidas (figura 6):

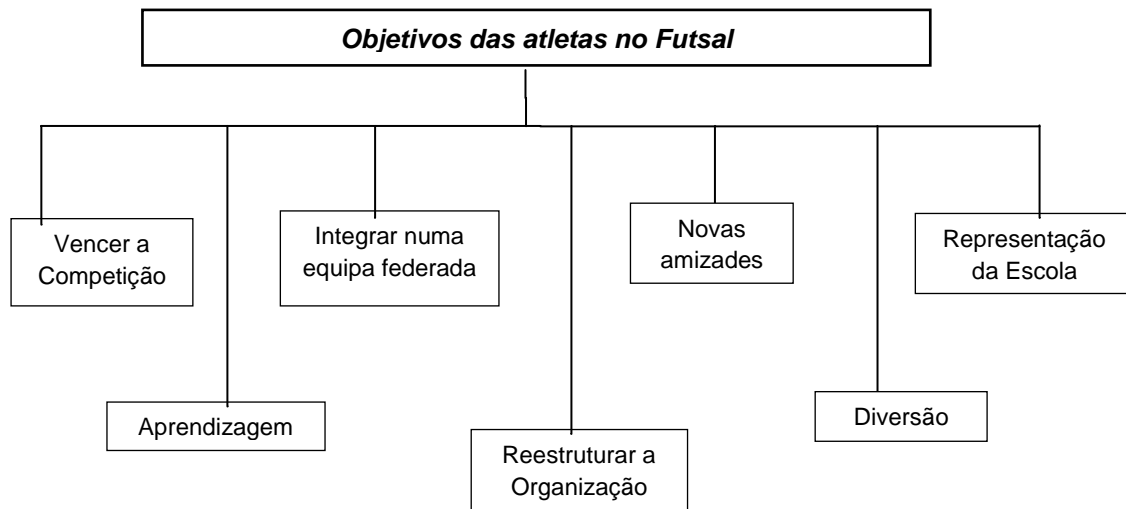


Figura 5 – *Objetivos das atletas no Futsal.*

Em resposta à questão - *O que pretendes atingir ao participar no grupo de Futsal do Desporto Escolar?* - emergiu uma panóplia de categorias. De todas, a mais consensual foi “Vencer a Competição”, pois a maioria das atletas já tinham sido campeãs no ano transato e gostariam de voltar a sentir a mesma sensação de vitória e de dever cumprido: “...o objetivo é voltarmos a ser campeãs.” – *Green*. Seguidamente na categoria “Aprendizagem”, as entrevistadas mostraram vontade de evoluir na modalidade, aperfeiçoando tudo o que já tinham aprendido e que necessitavam de melhorar, assim como, tudo que sabiam que ainda tinham para aprender: “Uma melhoria de técnica...” – *White* e “Evoluir cada vez mais...” – *Black*. Esta categoria interliga-se com a categoria “Integrar numa equipa federada”, pois algumas das atletas sabiam a aprendizagem que o grupo de desporto escolar lhes oferecia era uma oportunidade para melhorarem e mostrarem a nível federado que também podem contribuir para a evolução do Futsal feminino: “Quem sabe no futuro integre numa equipa federada...” – *White* e “...um dia poder jogar em grandes equipas.” – *Black*.

Com menor evidência, mas nem por isso menos importantes, apareceram mais quatro categorias. Na categoria “Reestruturar a Organização” uma das entrevistadas referiu o facto de gostar que reformulassem a forma como as competições são organizadas, pois apenas jogam a nível distrital e gostariam

que alargassem um pouco mais para se apurar a equipa vencedora a nível nacional: “...*gostava que houvesse um campeonato como no federado.*” – Blue. Já na categoria “Novas amizades” a atleta realça que um dos seus principais objetivos na integração do grupo é para conhecer pessoas novas e por consequência criar novas amizades: “*Fazer novos amigos, porque todos os anos entra gente nova...*” – Yellow. Na categoria “Diversão”, a mesma entrevistada salienta que a sua integração no grupo tem também como objetivo divertir-se e sentir-se bem, caso contrário, não participaria: “*Acima de tudo divertir-me sempre...*”. De forma a colmatar, na categoria “Representação da Escola”, uma das atletas refere que o grupo de desporto escolar pertence à escola e que os resultados da equipa vão favorecer ou não o nome desta: “*Pretendo representar bem a escola...*” – Green.

Freire e Scaglia (2003) defendem mais especificamente que no terreno, é preciso entender e ressaltar que a competição deve ser vista como conteúdo a ser aprendido por todos os/as alunos/as. Assim sendo, não só todos devem jogar um tempo significativo nas partidas, como também devem ter acesso ao conteúdo da competição, organização, preparação, discussão e avaliação.

Estas posições, embora de autores diferentes, apontam para uma discussão comum, pois a competição pode desempenhar uma função formativa e educativa, preparando as crianças e jovens para as etapas que se seguem no seu percurso desportivo.

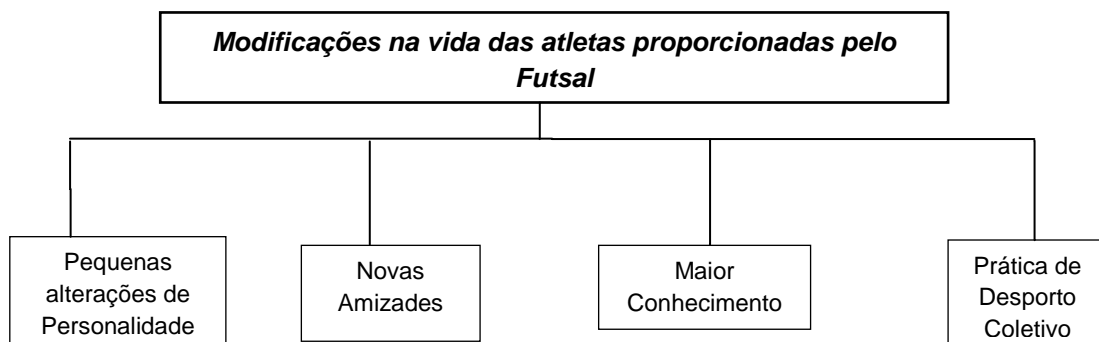


Figura 6 – *Modificações na vida das atletas proporcionadas pelo Futsal.*

Após colocar a questão – *O que esta experiência trouxe de novo para a tua vida?* – as entrevistadas não sentiram qualquer dificuldade em responder e não foi notório qualquer tipo de hesitação. Na categoria “Pequenas alterações de Personalidade”, as entrevistadas ressaltavam o facto de haver um maior controlo pessoal e de terem de respeitar certas regras e todo o grupo envolvente: *“...aprendi a não levar as coisas tão a sério como costumava levar, a respeitar mais a competição e a não discutir com as minhas colegas...”* – Orange e *“Se calhar alguma disciplina e controlo.”* – Pink. Na categoria “Novas Amizades” algumas das atletas referiram que a prática de Futsal, sendo este um desporto coletivo, existe mais propensão para conhecer novas pessoas, da mesma faixa etária, com o mesmo gosto desportivo e com uma grande probabilidade desse afeiçoarem umas às outras: *“Pessoas novas, novas amizades...”* – Yellow. Mais uma vez, não se pode ignorar que a questão das sociabilidades e das amizades seja uma categoria que apareça em várias questões, o que mostra que o desporto é também uma resposta dos indivíduos à necessidade de relacionamento social.

Embora referida com menor ênfase, a categoria “Maior Conhecimento” também foi uma modificação que as entrevistadoras caracterizaram como relevante: “novos conhecimentos.” – Green. Esta categoria vem mostrar que além da aprendizagem de valores, regras de grupo e respeito por todos os elementos do grupo, o conhecimento técnico e tático aparece como uma aprendizagem adquirida capaz de modificar a vida das atletas entrevistadas, pois a perceção que têm da sua própria evolução carrega uma motivação extra para continuar a trabalhar e para haver um empenho constante nos treinos. Por outro lado, suporta a expectativa de serem atletas com capacidade para integrarem equipas que disputam o escalão sénior a nível federado.

Por último, algumas entrevistadas reforçaram ainda mais a categoria “Prática de Desporto Coletivo”, salientando as diferenças de se praticar um desporto individual e posteriormente um desporto coletivo: *“...praticava um desporto e acabava por desistir porque era individual...”* – Red e *“A ideia de praticar desporto, de ter uma equipa e de ser um desporto coletivo é sempre diferente.”* – White. Nesta fase, torna-se pertinente introduzir a discussão em torno das variáveis “género” e “desporto coletivo”. A teoria tem indicado a

preferência das raparigas por Desportos Individuais, nomeadamente a natação, a dança, a ginástica e a patinagem, enquanto os rapazes preferem a prática de Desportos Coletivos, como sejam o ténis, o futebol, o basquetebol estando mais envolvidos com atividade moderadas a vigorosas do que as raparigas (Janz, Witt e Mahoney, 1995). A escolha deste grupo de estudo é, por si só, um exercício que obriga a uma análise sociológica do que são os estereótipos sociais relacionados com o género e o desporto (individual vs colectivo). Quando se fala em “preferência” há que contextualizar esta “opção” por ser marcadamente influenciada por estereótipos sociais associados ao género, isto é, aos desportos que a sociedade foi delineando como sendo adequados a homens ou a mulheres. Este grupo de atletas rompe com os estereótipos sociais mostrando maior envolvimento e motivação para a prática de desportos colectivos. Neste sentido, o ponto que se segue aprofundará esta questão.

4. Estereótipos sociais no Futsal feminino: experiências e preconceitos

Dando seguimento à temática, estereótipos sociais relacionados com o “Género” e respeitante à prática do Futsal, é de referir, que à questão – *Já vivenciaste alguma situação em que sentiste preconceito por seres atleta de Futsal feminino?* – surgem duas posições: “*Experienciaram Preconceitos*” e “*Não Experienciaram Preconceitos*” (figura 7). Se, por um lado, algumas das entrevistadas afirmaram nunca terem sentido nenhum preconceito por serem praticantes de Futsal, outras evidenciaram uma tristeza no olhar quando referiram sentimentos e experiências que revelaram preconceitos associados ao género.

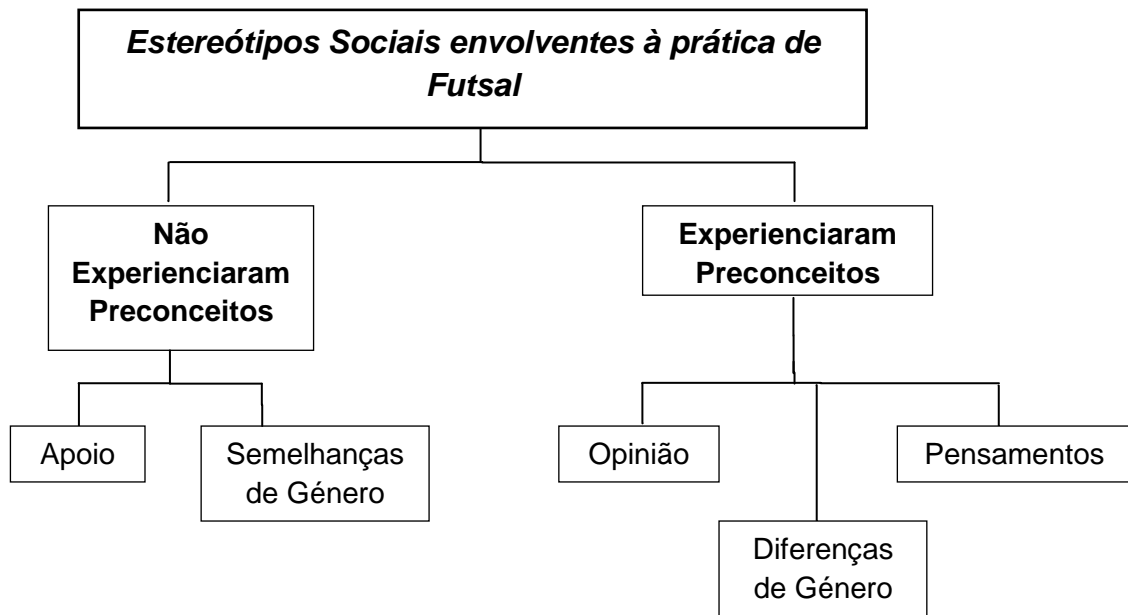


Figura 7 – *Estereótipos Sociais envolveres à prática do Futsal.*

Assim, relativamente às atletas que não experienciaram preconceitos relativos à prática de Futsal devido ao facto de serem mulheres, surgem três categorias que passo a explicitar. Na categoria “Apoio”, as entrevistadas referiram significações associadas ao suporte, reconhecimento, respeito e motivação vinda de outros e relativos à sua prática enquanto atletas de Futsal: “...até vejo no Facebook a apoiarem a seleção feminina e é fantástico.” – Blue e “Sempre fui respeitada em relação a isso.” – Orange. A categoria “Semelhanças de Género” reflete a comparação entre o presente e o passado, pois apenas uma das entrevistadas referiu a evolução de mentalidades relativamente ao papel da mulher no desporto, evidenciando melhorias: “...já não há aquele preconceito que havia entre um rapaz e uma rapariga a jogar.” – Blue.

Relativamente ao grupo de entrevistadas que experienciaram preconceitos relacionados com a sua prática desportiva, surge a categoria “Opiniões” que se refere precisamente a opiniões de outras pessoas reveladores de preconceitos e, inclusive, depreciativas. Apesar da evolução de mentalidades, o caminho a percorrer até à efetiva igualdade ainda é longo. As entrevistadas referiram que: “Tenho um colega que dizia que eu ia ficar

parecida com um homem por praticar Futsal.” – Pink. Analogamente, na categoria “Diferenças de Género” as entrevistadas referenciaram a dificuldade por serem raparigas e quererem mostrar habilidade numa modalidade que supostamente foi criada para rapazes: *“...acham que por sermos raparigas não devemos jogar com eles porque temos mais dificuldades.” – Yellow.* Os preconceitos são de tal forma firmes que estão enraizados nas próprias atletas, na medida em que uma das entrevistadas refere: *“Mas é claro que o Futsal feminino ainda não está ao nível do masculino...” – Red.* Finalmente, a categoria “Pensamentos” refere a mentalidade que ainda vigora na nossa sociedade evidenciando o desporto como um todo que não se enquadra no estereótipo das características e comportamentos que deve ser exigidos da mulher: *“Porque acham que não sei jogar e pensam como a maioria da sociedade...” – Green.*

Lopes (1986) refere que longo e penoso tem sido o caminho percorrido pela mulher para alcançar, no desporto, o lugar que por direito lhe pertence. Subalternizada por um modo de organização social que lhe confere um papel de segundo plano, a mulher tem lutado pela afirmação permanente dos seus direitos. Longe vão os tempos dos desportos para as mulheres e dos desportos para os homens. Sem negar o direito à diferença, é no fundo a luta pela igualdade no plano social e cívico, o verdadeiro desafio que se coloca a todos e o desporto não é exceção.

Em Portugal, tal como em outros países, o acesso à prática desportiva por parte das mulheres foi muito lento, porque durante muito tempo vivemos numa ditadura que limitava os direitos políticos e sociais de todos, particularmente os das mulheres. Era-lhes confinado um papel social inferior e sem direito de cidadania no que se refere ao acesso e à prática dos desportos que não fossem de acordo com a ordem social estabelecida (Cruz et al., 2006). Furlan e Santos (2008) realizaram uma investigação no âmbito do Futsal escolar, onde um dos objetivos de estudo era verificar como as escolas incentivavam as práticas desta modalidade, analisando questões de género. Neste estudo, constatou-se que apesar de algumas barreiras e dificuldades, pelas quais as alunas passavam, já terem sido ultrapassadas, ainda existiam outras por superar. Nestas escolas, as alunas eram vistas de diversos modos e

mesmo dentro dos próprios colegas existiam duas maneiras de entenderem as raparigas no Futsal: havia aqueles que não diziam nada, achavam normal e, em contrapartida havia outros preconceituosos que afirmavam que as raparigas pareciam homens (Mateus, 2010).

As significações evidenciadas revelaram, sobretudo, que perante os parâmetros que a sociedade definiu para a prática desportiva feminina, estas atletas, estas mulheres, foram capazes de ultrapassar condicionalismos e superar obstáculos – experiências preconceituosas e depreciativas – como ficou demonstrado. Integradas num desporto cuja prática é predominantemente masculina, as experiências reveladas neste ponto mostraram também que a sociedade vai revelando mudanças positivas, pelo suporte e pelo encorajamento a esta prática.

4.7.6 Conclusões

Tendo em consideração os objetivos formulados, a metodologia utilizada para os perseguir e atingir, bem como, através da informação apresentada, afigura-se plausível enfatizar conclusões e sugestões futuras.

Nas motivações para a prática de Desporto Escolar, este estudo foi perentório, pois patenteou de forma clara a importância da influência dos pares - na fase da adolescência/pré-idade adulta – no constante processo de construção de identidade. Influência que continuou a desenhar-se com linhas fortes quando analisadas as motivações associadas à escolha da modalidade, e também pela pertinência de novos relacionamentos sociais e do prazer associado à prática desportiva.

Uma perceção maioritariamente positiva das condições físicas proporcionadas nos treinos e nas competições, bem como as condições sociais que respeita ao suporte social do meio envolvente para a prática, foram fatores que, percebidos de forma positiva, confirmaram dar sustentabilidade à prática de futsal destas entrevistadas. Pode concluir-se que proporcionar infraestruturas que garantam a oportunidade de evoluir enquanto atleta é

essencial, mas também que o apoio e os comportamentos das pessoas mais próximas destas atletas afetam - direta ou indiretamente – mas garantidamente com forte influência, a percepção que têm relativamente à sustentabilidade da sua própria prática desportiva.

No campo dos objectivos pessoais, a competição desportiva assume-se como um guia para estas atletas, pois tencionam praticar a modalidade a nível federado. Voltarem a vencer a competição do grupo a que pertencem é um objetivo comum e um meio para demonstrar valor e prestígio. As experiências de pertença a um grupo foram percebidas como marcos importantes na vida pessoal demonstrando que os objetivos por mais individuais que se expressem traçam-se como parte de um todo.

O último objetivo deste estudo incidiu sobre os estereótipos de género e revelou a importância de conhecer as experiências de praticantes mulheres de um desporto colectivo, marcadamente masculino, como é o Futsal. Duas linhas conclusivas se desenharam. Vivenciar preconceitos por ser mulher e praticar futsal, mas sustentar a prática desportiva é um reflexo de que, primeiro, hoje, as mulheres ultrapassam barreiras e conquistam o espaço desportivo. Segundo, a sociedade continua a delinear a adequação de modalidades desportivas ao género.

Por isso, é importante que esta investigação consiga alertar para determinados pensamentos e mentalidades transportando para a sociedade em geral as vivências na primeira pessoa destas atletas. É extremamente necessário que o país evolua no pensamento cultural relativamente às mulheres e ao desporto. Sem mudança não existe evolução.

Reconhecidas as limitações deste estudo pela amostra diminuta e sem capacidade para produção teórica, serve à reflexão e à possibilidade de deixar algumas sugestões para novas investigações que, com mais recursos, possam incidir sobre a realidade das praticantes de futsal no âmbito do desporto escolar de outros países. A comparação de resultados seria proveitosa no sentido de se averiguar a evolução deste tipo de praticantes pela influência de diferentes sistemas educativos, infraestruturas desportivas e contextos culturais.

4.7.7 Referências Bibliográficas

- Adelino, J., Vieira, J. & Coelho, O. (1998). Jovens no desporto, um pódio para todos. In *Treino Desportivo*. Ano 1. Nº2, CEFD, Lisboa.
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- Carmo, M. (2003). Espaços e atividades desportivas escolares. *Revista Horizonte, XVIII (108)*, 28-35.
- Cordovil, J. (1998). Ser treinador de jovens. *Treino desportivo*. Ano 1. 3ª série. nº98. 59-64.
- Costa, D. (2004). Desenvolvimento estratégico no desporto: o futsal feminino em Portugal. Porto: D. Costa. Dissertação para a obtenção do grau de Mestre em Gestão Desportiva, apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.
- Cruz, I., Gomes, P. & Silva, P. (2006). *Deusas e Guerreiras dos Jogos Olímpicos*. Lisboa: Comissão para a Igualdade e para os direitos das Mulheres.
- DeMartis, L. (2006). *Compêndio da sociologia*. Lisboa: Edições 70.
- Freire, B. & Scaglia, J. (2003). *Educação como prática corporal*. São Paulo: SP Autores associados.
- Janz, K., Witt, J. & MAHONEY, L. (1995). The stability of children's physical activity as measured by accelerometry and self-report. *Medicine and science in sports and exercise*, 27 (9), 1326-1332.
- Hohepa, M., Scragg, R., Schofield, G., Kolt, G. S. & Schaaf, D. (2007). *Social support for youth physical activity: Importance of siblings, parents, friends and school support across a segmented school day*. International Journal of Behavioral Nutrition and Physical Activity. pp.1-9.

- Lopes, P. (1986). A mulher e o desporto. *Revista Horizonte*, vol II (11); 157-160.
- Mateus, A. (2010). *Da gestão do desporto escolar à realidade do futsal feminino: Um estudo centrado em escolas da DREN*. Porto: A. Mateus. Dissertação para a obtenção do grau de Mestre em Gestão Desportiva, apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.
- McCallister, S., Blind, E. & Weisse, W. (2000). Teaching values and implementing philosophies: dilemmas of the youth sport coach. *Physical Educator Winter*. Vol.57. Issue 1. 35-45
- Ministério da Educação. (2009). *Programa de desporto escolar – Anos letivos de 2009-2013*: Ministério de Educação; Direção-Geral da Inovação e de Desenvolvimento Curricular, Gabinete Coordenador de Desporto Escolar.
- Mota, J., & Sallis, J. (2002). *Atividade física e saúde – Fatores de influência da atividade física nas crianças e nos adolescentes*. Campo das Letras. Nº 189064/ 02.
- Pina, M. (2002). Desporto escolar – estado atual e prospetiva. *Revista Horizonte*, XVIII (101), 25-35.
- Silva, A., Maio, C., Guia, M. & Sardoeira, T. (2006). *Despertar para a igualdade: mais desporto na escola*. Queijas: Associação Portuguesa Mulheres e Desporto.
- Thomas, J. & Nelson, J. (2002). *Métodos de pesquisa em atividade física* (3ed.). Porto Alegre: Artmed.

5.PARTICIPAÇÃO NA ESCOLA E RELAÇÃO COM A COMUNIDADE

Sabia em antemão que a minha entrada no mundo da docência não seria apenas lecionar as minhas aulas, pois a escola é muito mais do que sucede na sala de aula ou no pavilhão gimnodesportivo.

A relação que se cria com a comunidade escolar, seja docente ou não docente, tem também extrema importância na carreira de um profissional da docência, pois ser professor implica ser capaz de se relacionar com outros elementos da comunidade educativa para assim se dotar de conhecimentos mais abrangentes, e por isso, mais preparado para formar os seus alunos.

No início deste estágio profissional sentia-me um pouco retraída, mas sempre tentei manter uma atitude receptiva e positiva nas relações com a comunidade escolar. O professor Cooperante foi o principal responsável por me ir sentindo mais à vontade, pois fazia sempre questão de apresentar os seus estagiários a todo o pessoal. A proximidade conquistada ao longo do tempo foi-me libertando de constrangimentos iniciais e permitiu-me construir uma imagem mais consistente no papel de professora.

Foram várias as atividades planeadas no início do ano e algumas foram surgindo com o decorrer do ano letivo. Procurei estar sempre presente e colaborar ao máximo para que decorressem da melhor forma possível, cumprindo os objetivos a que se propunham.

5.1 Torneio de Futsal

Desde o início do ano letivo tinha sido planeado, pelos dois núcleos de estágio e pelos Professores Cooperantes, a realização de três torneios, um em cada período e de modalidades diferentes. Ficou então a meu cargo, em conjunto com um colega estagiário do núcleo de estágio 1, o torneio de Futsal inter-turmas do 10º ano, visto que tínhamos mais afinidade a esta modalidade (devido ao nosso percurso desportivo) e portanto uma motivação extra para a preparação desta atividade.

Após o término das inscrições, verificámos que apenas seis equipas tinham interesse em participar, apesar de toda a publicidade que postamos na escola. Contudo, criamos dois grupos com três equipas cada e construámos um calendário em que todas as quartas-feiras das 17h às 18h se realizavam dois jogos, um de cada grupo formado.

Este foi o meu primeiro desafio não envolvendo diretamente e apenas a “minha turma”. Era a primeira vez que planeava e realizava algo mais abrangente e uma oportunidade de estar em contato com alunos de outras turmas, sendo a sua participação de carácter voluntário e pelo gosto pela modalidade ser geral.

Ao longo das semanas era notório o acréscimo da competitividade entre as equipas, pois mais do que o prémio em jogo, todos ambicionavam ter o título de campeões das turmas do 10º ano. Já não era uma questão de vencer algo material mas sim de elevar o ego e o orgulho entre as paredes da escola.

As classificações semanais, juntamente com as fotos de equipa, eram afixadas semanalmente no placard de Educação Física localizado no corredor principal e todos tinham curiosidade de as ir consultar. A euforia instalou-se e a partir da terceira semana as equipas conseguiam mobilizar amigos até ao pavilhão gimnodesportivo.

Eu e o meu colega estagiário durante todo o torneio insistimos para que todas as regras do regulamento do torneio e da modalidade fossem cumpridas e acima de tudo que o *fair-play* comandasse todos os jogos.

Esta atividade proporcionou o convívio desportivo entre os alunos, num período em que os alunos ainda estão em fase de adaptação e num ano em que muitos transitaram de escola, assim como o nascer de algumas relações de amizade e o desenvolvimento de competências para a sua vida pessoal e profissional

5.2 Corta-Mato Escolar

O Corta Mato Escolar é anualmente promovido e dinamizado pela Escola Secundária de Rio Tinto. No dia 10 de janeiro de 2013 esta prova foi realizada na Quinta das Freiras, durante toda a manhã.

A sua organização ficou ao cargo do Grupo de Educação Física e todos os Professores de Educação Física estavam presentes (mesmo não sendo de cariz obrigatório), tendo cada um a sua tarefa. Apesar de não terem sido atribuídas funções na parte organizativa a nenhum dos estudantes estagiários da FADEUP, a minha contribuição como fotógrafa “oficial” não deixou de ter um carácter importante na realização deste evento.

Apesar de não ter formação em fotografia, tenho prazer em ver o produto final e a sequência das imagens que consigo elaborar. O que para outro Professor poderia ter sido uma tarefa enfadonha, para mim foi algo a que me predispus desde o início e que fiz com toda a satisfação, pois poderia estar em vários locais da prova, registar os momentos mais importantes e no final poder rever pelas imagens toda a sequência do evento. A máquina fotográfica, bastante moderna, era propriedade da escola e ficou de minha responsabilidade.

Relativamente à participação da minha turma, estavam 7 alunos inscritos, mas apenas 4 compareceram e participaram na prova. Toda a turma teve oportunidade de ver fotos dos colegas na corrida e alguns garantiram que no próximo o ano participariam, pois após a visualização das imagens, tiveram maior perceção da envolvimento do evento e do seu contributo social e desportivo.

De forma geral, considero que a atividade cumpriu os propósitos de promoção da atividade física e de espírito desportivo. No final, após a entrega dos prémios e como é tradição, foi realizado um almoço com todos os Professores de Educação Física, onde destaco a importância, de neste ano de formação vivenciar estes momentos de companheirismo e alegria.

5.3 Compal Air

Compal Air é uma competição dedicada à promoção da prática de Basquetebol e à adoção de hábitos saudáveis, de todas as escolas do país.

No dia 20 de abril de 2013, decorreu na Escola Secundária de Rio Tinto o 1º encontro local deste projeto. Esta iniciativa juntou alunos de 22 escolas, que participaram nesta vertente 3x3 de Basquetebol, organizados em cerca de 112 equipas, num total que rondou os 450 alunos e professores envolvidos. O número de professores envolvidos na promoção, organização e dinamização deste evento mobilizou toda a comunidade escolar a comparecer e participar nesta competição.

A ansiedade dos alunos para o início da prova, o movimento constante dos professores para cumprirem as suas tarefas e todo o ambiente que envolvia o evento transpirava a desporto.

Infelizmente nesse dia encontrava-me com gripe, e apesar do enorme esforço que fiz por comparecer e auxiliar na realização desta competição, apenas consegui permanecer até ao final da 1ª fase, pois a febre começou a aumentar e a conselho do Professor Cooperante fui para casa descansar. No entanto, durante cerca de 10 jogos consecutivos, na categoria de iniciadas femininas, fiquei responsável pela mesa, dando instruções ao árbitro de quando iniciar e terminar as provas e auxiliando uma aluna que estava responsável pela ficha de jogo.

Pelas informações que me foram fornecidas pelo Professor Cooperante e pelos meus colegas estagiários, a competição foi um êxito e algumas equipas da nossa escola tiveram uma ótima classificação, passando à fase regional.

O envolvimento proporcionado por este evento dotou-me de um maior conhecimento sobre a organização de atividades de maior escala e da perceção de diferentes ambientes que um professor pode integrar.

5.4 Desporto Escolar

O Desporto Escolar é “...o conjunto de práticas lúdicas-desportivas e de formação com objeto desportivo, desenvolvidas como complemento curricular e ocupação dos tempos livres, num regime de liberdade de participação e de escolha, integradas no plano de atividade da escola e coordenadas no âmbito do sistema educativo” (Artigo 5.º - “Definição”, Secção II – “Desporto Escolar”, do Decreto-Lei n.º 95/91, de 26 de Fevereiro de 2006). Resumidamente, o Desporto Escolar é o ensino do Desporto através da realização de competições e de todo o processo que antecede a sua preparação (treinos).

O Desporto Escolar apesar de ser uma atividade de complemento curricular, tem muitas potencialidades educativas que permite aos alunos ter uma formação desportiva, assim como adquirir e desenvolver comportamentos tais como: autonomia, responsabilidade, respeito pelos outros, superação, emoção e afirmação da personalidade.

Na escola os alunos tinham muitas opções de escolha no Desporto Escolar. Voleibol, Futsal, Andebol, Dança, Natação, Tiro ao arco, Badminton e Ténis eram as modalidades em que os alunos se poderiam inscrever e frequentar os treinos todas as semanas.

No final do 1º Período tinha pretensão de acompanhar a equipa de Futsal para um enriquecimento da minha formação e para dar algum contributo à equipa, suportando-me na experiência que tive como atleta de Desporto Escolar (2 anos) e atleta de Futsal Federado que tenho desde 2003 até hoje. Contudo, após criarem muitas dificuldades e como o tempo ia passando, resolvi optar pela Natação, uma outra modalidade à qual também tive alguma experiência (2 anos) no ensino preparatório, como atleta do Desporto Escolar.

Em meados do 2º Período, todas as quintas-feiras às 14h15 descolava-me às Piscinas Municipais de Rio Tinto para colaborar com o Professor responsável pela Natação da escola. Desde o primeiro dia que fiquei totalmente cativada, como é perceptível no excerto seguinte, tendo como

principais objetivos aprender mais sobre a modalidade e envolver os alunos nas aulas:

“Fui agradavelmente bem recebida por todos os alunos e apesar de estranharem inicialmente a minha presença passado alguns minutos já me sentia parte integrante daquele grupo de trabalho.” (Reflexão nº 1 – 7/02/2013)

Após esta escolha ter sido um pouco “forçada”, mostrou-me que nem sempre o melhor caminho é aquele que já tínhamos como pré definido. Ter integrado no grupo de Natação foi muito enriquecedor na minha formação, pois ao deparar-me com obstáculos “obrigava-me” a pesquisar, a procurar e a informar-me para poder ensinar corretamente.

Desde a primeira aula o Professor responsável pela Natação propôs que dividíssemos a turma e ele ficava com o grupo avançado e eu ficava com o grupo de adaptação ao meio aquático. Desta forma, cada um tinha mais tempo para observar e perceber os erros individuais de cada aluno, dando-lhes mais atenção e mais feedbacks. O meu entusiasmo era crescente aula após aula, pois conseguia sempre que os alunos alcançassem sucesso em alguns/todos os objetivos que lhes tinha proposto:

“...a aluna que inicialmente apenas fazia o batimento de pernas com a cabeça fora de água. Neste momento já consegue fazer a respiração corretamente e deixou de usar as palavras “não consigo” que tanto insistia em usar. Percebeu que quando se tem vontade e se trabalha tudo é possível e os resultados aparecem naturalmente. Fiquei extremamente satisfeita pois senti uma enorme alegria por ter conseguido que a aluna progredisse e confiasse em mim e em tudo o que lhe transmitia.” (Reflexão da aula nº3, 21/02/2013)

Esta experiência foi fundamental para ter noção de como reajo com os alunos e lhes transmito conhecimento fora da dita “aula obrigatória”. Tenho a certeza que num futuro próximo, todas as ferramentas que adquiri com estas

idas semanais à piscina durante cerca de quatro meses e meio vão ser essenciais visto que há maior probabilidade de ser professora de natação em uma piscina de uma qualquer freguesia ou ginásio do que ser colocada numa escola nos próximos anos. Deste modo, sentir-me-ei preparada quando aparecer uma proposta para um projeto desse género.

5.5 Centro de Recursos

Desde o dia 4 de dezembro de 2012 até ao dia 29 de janeiro de 2013 estive presente no Centro de Recursos/Biblioteca todas as terças-feiras das 10h10 às 11h30 e quintas-feiras das 12h00 às 13h30 a executar funções variadas e a ter um contato mais próximo com a comunidade escolar.

Logo no primeiro dia percebi que não seria fácil a minha adaptação, pois os momentos mortos são muito superiores aos momentos de verdadeiro trabalho e, assim sendo, vai em contradição à minha própria personalidade agitada.

A Professora responsável pelo Centro de Recursos e a funcionária permanente ensinaram-me e auxiliaram-me a executar algumas tarefas, tais como: tirar fotocópias, imprimir documentos, receber o pagamento e/ou fazer o registo dos documentos imprimidos/fotocopiados, registar informaticamente a requisição e entrega de livros, fazer a entrega de cartões de estudante, fazer o registo de requisição de material automático (máquinas fotográficas, máquinas de calcular, portáteis, etc.) e vigiar os alunos tendo atenção para que fizessem o menor barulho possível e que evitassem usar os computadores para outros fins que não fossem pesquisas ou trabalhos para a escola. Durante o período que lá estive realizei outras funções que não estão diretamente ligadas a este espaço, como por exemplo vigiar alunos durante a realização de um teste e fotografar um evento da escola sobre a importância do ambiente.

Apesar de lá permanecer um pouco contrariada devido à monotonia, conseguia sempre aprender algo e conheci vários alunos, funcionários e Professores que não tinha conhecido até então. Por vezes juntava-me aos grupos de alunos que lá permaneciam para estudar ou executar trabalhos da escola e tirava dúvidas, conversava com eles acerca de médias, de cursos superiores e percebia que muitos deles tinham dificuldades a algumas disciplinas mas tinham uma motivação muito reduzida para estudarem, pois achavam sempre que o que tinham pendente para fazer (treinar, estar com os amigos, ir à internet, etc.) era sempre mais importante do que estudar.

Tenho plena noção que foi importante lá estar e que contribuiu para me sentir mais à vontade em comunicar com quem não lidava diariamente, proporcionando uma relação mais próxima a partir daquele momento e sentindo-me parte integrante da escola aos olhos de todos os que não tinham contato direto comigo nas aulas.

5.6 Sala de Integração do Aluno (SIA)

A minha passagem pela SIA durou cerca de um mês e meio (de 1 de fevereiro até 15 de março). Todas as terças-feiras das 10h00 às 11h30 e sextas-feiras das 12h às 13h30, estava presente para colaborar e auxiliar a Professora responsável em todas as tarefas que fossem necessárias. Todos os alunos indisciplinados, que tinham atitudes exageradas e que os Professores os convidavam a ir “apanhar ar” ou lhes marcavam falta disciplinavam parar à SIA. As nossas principais funções eram perceber o porquê daquele comportamento, ajudá-los a elaborar o relatório do acontecimento, conversar um pouco com eles aconselhando-os a refletir sobre essa mesma atitude e atribuir-lhes tarefas de “castigos” como por exemplo copiarem todos os deveres do regulamento interno.

Durante o tempo que lá estive consegui ter uma perceção das mudanças que houve desde a época que era aluna até agora. Bastou uma geração para que tudo se alterasse e a meu ver, na maior parte das coisas para pior. A forma como falam, como argumentam, como enfrentam os professores e a total indisciplina muitas vezes carregadas com o suplemento da falta de educação, impressionaram-me. Não tinha a mínima ideia que tudo se transformara tão rapidamente.

Na maior parte das conversas que tinha com os alunos que eram encaminhados para a SIA, apercebia-me que os alunos mesmo tendo plena noção que agiram mal, não mostravam qualquer arrependimento e muitas vezes diziam “... se a Professora volta a implicar comigo, faço o mesmo!”. E o maior problema é que eu não os imaginava a ter aquele tipo de atitudes, pois a sua postura à minha frente e a conversarem tranquilamente não refletia na atitude de relatavam. Será que não consigo ver o lado mau nos alunos? Ou será a minha inexperiência? Talvez com o tempo as respostas surjam...

6.CONSIDERAÇÕES FINAIS E PERSPETIVAS PARA O FUTURO

O fim de uma etapa da minha vida! É assim que encaro este momento tão marcante da minha formação acadêmica. Porém, o fim de algo significa o início de outro, sendo que neste caso representa o início de um sonho, num futuro que se adivinha difícil mas deveras prometedora.

Foi neste ano de Estágio Profissional que vivenciei verdadeiramente o que é ser Professora, tentando sempre colocar em prática o corpo teórico adquirido. O sentimento que nos toca quando temos uma adoração pela nossa profissão reflete-se nos nossos atos e nos pequenos momentos que a docência nos oferece:

“Nesta aula, além da energia que é constante notei que havia mais motivação e alegria em todos os alunos. Estes simples fatores ajudaram a que no final da aula sentisse que ensinar é a minha verdadeira vocação e que nunca hei-de desistir dela, encontre os obstáculos que encontrar no caminho.” (Reflexão da aula nº 44 – 05/04/2013)

O trajeto até aqui foi por vezes complicado e admito que por vezes pensava em desistir de um sonho que possuía desde criança, contudo com esforço, dedicação e empenho consegui ultrapassar todas as adversidades. Quando caímos necessitamos de nos levantar, de erguer a cabeça e de não permanecermos sentados, pois desde tenra idade que aprendi que “nada cai do céu”. Por outro lado, estes anos de formação, e em especial este último ano, estão carregados de experiências fantásticas que marcaram intimamente a minha essência, no campo pessoal e profissional e que me enchem o coração de sentimentos fascinantes, realçando o meu desejo tão ambicionado de ser Professora.

Neste documento procurei retratar tudo o que é inerente ao Estágio Profissional, porém existiram vivências e mistura de emoções que se tornaram difíceis de transmitir devido à sua intensidade.

Um dos sentimentos mais nobres que senti foi, sem dúvida, vibrar com cada vitória dos meus alunos, quando estes se conseguiam superar. Conseguir que o aluno acredite em si e se esforce para ultrapassar as suas dificuldades é o que me faz continuar no caminho da docência. O meu sentimento final é que

não fui apenas professora dos meus alunos, mas sim alguém que se preocupou com eles, incutindo-lhes valores e responsabilidade, ao ensinar-lhes a socializar e cooperar com o próximo.

Sinto que ainda tenho muito para aprender mas sinto-me confiante e preparada para exercer as funções da profissão que sempre desejei – ser Professora de Educação Física.

“Escuta-me, companheiro, amigo.

*Tu que optaste, entre mil outras,
por esta formosa e espantosa profissão:*

PROFESSOR.

(Professores!

*Ou antes, discípulos da vida,
aprendizes sempre,
vendedores de nada.)*

*Nesta nossa noite, cheia de névoas – de trevas –
bato à tua porta com os nós dos dedos da alma.*

Estás? Estás aí? Ouves-me?

Sinto necessidade de ouvir a tua voz: “Sim, estou aqui. Sou eu”.

*Quero falar contigo,
para que me ajudes nas perturbações da cada dia,
na angústia de tantas horas,
em todos os meus desânimos.*

*Quero falar contigo para que quebres a minha solidão,
para que afugentes os meus fantasmas,
para que me ajudes a refazer as minhas esperanças desfeitas,
e a recompor um puzzle de valores que não se me adapta.*
*Quero contar-te – e cantar-te – a minha admiração por estares aí,
abandonando as tuas horas por entre as horas do dia,
tentando ensinar, ajudando a educar
por um salário pequeno, por um pretendido amor.*

*Quero falar contigo,
incansável construtor de utopias,
que cada manhã voltas ao trabalho
- os livros debaixo do braço e o coração tiquetaque, tiquetaque –
para explicar coisas que muitos não querem saber.*

*Quero agradecer o teu entusiasmo.
Ameaçado, tantas vezes, por um sistema hostil,
explorador de ilusões.*

*O teu entusiasmo que renasce das cinzas
como uma fénix incansável, paciente, pertinaz.*

*Quero que unamos os nossos esforços
para construirmos – juntos – um novo dia.*

*Um dia melhor,
em que realmente possamos conviver, dialogar e ser.*

*Quero pedir-te humildade e fortaleza
para que nunca se extinga a nossa fé no ser humano,
a nossa fé em nós próprios
enquanto seres capazes de lutar e sofrer pelas pessoas:*

pelos nossos alunos.

*Quero infundir esperança no nosso agora,
no nosso aqui e no nosso agora.*

Mas também no amanhã, na manhã.

Estás amanhecendo. Já.

Está sempre amanhecendo.

Porque há professores.

Porque há discípulos como tu.”

(Guerra, 2002)

7.BIBLIOGRAFIA

- Alarcão, I. (1996). *Formação reflexiva de professores: Estratégias de supervisão*. Porto: Porto Editora.
- Almeida, J. (2012). *O lugar da afetividade no estágio profissional: Uma ponte entre o pensar e o agir*. Porto: J. Almeida. Relatório de Estágio Profissionalizante para a obtenção do grau de Mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, apresentado à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.
- Batista, P. (2008). *Discursos sobre a competência: Contributo para a (re)construção de um conceito de competência aplicável ao profissional do desporto*. Dissertação de Doutoramento. Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.
- Batista, P. (2011). A modelação da competência: Desafios que se colocam ao estágio profissional. In A. Albuquerque; C. Pinheiro, L. Santiago & N. Nunes (Eds.), *Educação física, desporto e lazer. Perspectivas Luso-Brasileiras, 3º Encontro* (p.429-442). Maia: Edições ISMAI.
- Bento, J. (1987). *Planeamento e avaliação em educação física*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Bento, J. (2004). *Planeamento e avaliação em educação física*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Bento, J. (2008). *Da coragem, do orgulho e da paixão de ser professor auto-retrato*. Belo Horizonte: Casa da Educação Física.
- Brandão, C. (1995). *Em campo aberto: Escritos sobre a educação e a cultura popular*. São Paulo: Cortez.
- Brito, A. (2007). Professores experientes e formação profissional: Evocações... narrativas... e trajetórias. *Linguagens, educação e sociedade*. Nº17. Teresina. Acedido junho 10, 2013, em http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/Revista/N17/art_3.pdf

- Brustad, R. (1996). Attraction to physical activity in urban school children: Parental socialization and gender influences. *Research Quarterly for Exercise and Sport*, 67 (3): 316-323.
- Colaço, C., & Rosado, A. (2002). *Avaliação das aprendizagens: Fundamentos e aplicações no domínio das atividades físicas*. Omniserviços, Representações e Serviços, Lda.
- Cunha, L. (1997). *O espaço, o desporto e o desenvolvimento*. Lisboa: Edições FMH.
- Cunha, A. (2008). *Ser professor – Bases de uma sistematização teórica*. Braga: Casa do Professor.
- Estrela, M. (1992). *Relação pedagógica, disciplina e indisciplina na aula*. Porto: Porto Editora.
- Ferreira, A. (2010). *Relatório de estágio profissional*. Porto: A. Ferreira. Relatório de Estágio Profissionalizante para obtenção do grau de Mestre em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, apresentado à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.
- Ferreira, C. (2013). O testemunho de uma professora estagiária para um professor estagiário: Um olhar sobre o estágio profissional. In P. Batista, P. Queirós & R. Rolim (Eds.), *Olhares sobre o estágio profissional em educação física*. Porto: Editora FADEUP.
- Fusari, J. (1998). O planeamento do trabalho pedagógico: Algumas indagações e tentativas de respostas. *Série Ideias*, nº8, 44-53 São Paulo: FDE. Acedido maio 20, 2013, em http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_08_p044-053_c.pdf
- Garcia, R. (1999). *Formação de professores: Para uma mudança educativa*. Porto: Porto Editora.
- Guerra, M. (2002). *Uma pedagogia da libertação: Crónica sentimental de uma experiência*. Porto: Asa Editores.

- Grácio, R. (1995). *Obra completa I: Da educação*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Jacinto, M. (2001). *Formação inicial de professores concepções e práticas de orientação*. Lisboa: Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.
- Kant, E. (1996). *Réflexions sur l'éducation*. Paris: Librairie Philosophique J.Vrin.
- Machado, M. (2010). *Compreensão e interpretação da reflexão na formação de professores: Estudo em professores cooperantes da FADEUP*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.
- Metzler, W. (2000). *Instructional models for physical education*. Boston: Allyn and Bacon.
- Mesquita, I. & Graça, A. (2011). Modelos instrucionais no ensino do desporto. In I. Mesquita & A. Rosado (Eds.), *Pedagogia do Desporto*. Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana.
- Mota, J. (1992). *A escola, a educação física e a educação da saúde*. Porto: Horizonte.
- Mota, J. (1997). O valor da atividade física para uma educação de estilos de vida. In Patrício, M. (org.). *A escola cultural e os valores*, p.169-178. Porto: Porto Editora.
- Nias, J. (1991). Changing times, changing identities: Grieving for a lost self. In R. Burgess (ed.), *Educational research and evaluation*. London: The Falmer Press.
- Nóvoa, A. (1992). Formação de professores e profissão docente. In A. Nóvoa (coord.), *Os professores e a sua formação*, p.13-33. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Perrenoud, P. (2002). *A Prática reflexiva no ofício de professor: Profissionalização e razão pedagógica*. Porto Alegre.

- Rink, J. (1993). *Teaching physical education for learning. Planning and evaluating intruction*. St. Louis: Mosby.
- Rink, J. (1996). Effective instruction in physical education. In S. Silverman & C. Ennis (Eds.), *Student learning in physical education*. Champaign, Illinois: Human Kinetics.
- Savater, F. (1997). *O valor de educar*. Lisboa: Editorial Presença.
- Siedentop, D. (1991). *Developing teaching skills in physical education* (3^oed.). Palo Alto: Mayfield Publishing Company.
- Siedentop, D., & Tannehill, D. (2000). *Developing teaching skills in physical education* (4^aed.). Montain View, California: Mayfield Publishing Company.
- Silva, M. (1997). O primeiro ano de docência: O choque com a realidade. In Estrela, M., et al. (1997). *Viver e construir a profissão docente*. Porto: Porto Editora.
- Schön, D. (1987). *Educating the reflective practioner*. São Francisco, CA: Jossey-Bass.
- Tani, G., Bento, J. & Petersen, R. (2006). *Pedagogia do Desporto*. Rio de Janeiro: Edições Guanabara Koogan S.A.
- Terreiro, F. (2007). O dinheiro é meu. In J. Bento & J. Constantino (Eds.). *Em defesa do desporto: Mutações e valores em conflito*, p.91-121. Coimbra: Almedina Edições, S.A.
- Vickers, J. (1989). *Instructional design for teaching physical activities*. Champaign: HumanKinetics Books.

8. ANEXOS

ANEXO I – Guião da Entrevista

Data:

Hora:

Local de realização:

Nome:

Idade:

Esta conversa deve-se ao facto de estar a fazer um relatório de estágio e por isso vou fazer entrevistas ao grupo de desporto escolar de futsal. Quero conhecer as tuas experiências enquanto atleta de futsal. O teu contributo é muito importante e quero dizer-te que o que falarmos aqui é confidencial, não revelamos o nome de ninguém, é apenas para fazer um estudo. Se não te importares vou usar o gravador para não perder informação. Queres perguntar alguma coisa antes de começar?

1. Identificar as motivações associadas à prática e à escolha do Futsal.

1. Há quanto tempo integras o Desporto Escolar?
2. É a primeira vez? Já tinhas participado nos outros anos?
3. O que é que te motivou a participar no Desporto Escolar?
 - 3.1 Na altura, que opções tinhas?
 - 3.2 Optaste pelo Futsal. Porquê?
 - 3.3 Houve alguém ou algum aspeto que te tivesse influenciado nessa escolha?

2. Identificar os fatores que conferem sustentabilidade à prática de Futsal no Desporto Escolar.

1. Quero agora conhecer a tua opinião em relação às condições que te são dadas na escola para a prática de futsal. Vamos falar sobre as condições físicas, portanto em relação ao pavilhão, aos equipamentos, materiais, a tudo o que é necessário para a prática.
 - 1.1 Em relação aos treinos de futsal que são feitos nesta escola, o que é que te é proporcionado? Qual é a tua opinião em relação a essas condições? Está ou não está adequado?
 - 1.2 E em relação às competições, qual a frequência? E que condições te são normalmente proporcionadas? Qual é a tua opinião em relação a isso?
 - 1.3 O que mudarias nesse sentido, nas condições, quer nos treinos, quer nas competições? O que melhorarias?
(na falta de alguma condição) Em quê que isso interfere com o teu desempenho enquanto atleta?

2. Vamos agora falar um pouco sobre a opinião dos teus pais e amigos em relação ao facto de fazeres futsal aqui na escola.

2.1 Qual é a opinião dos teus pais ou familiares mais próximos? O que é que eles acham de praticares futsal?

2.2 Qual é a opinião dos teus amigos e amigas em relação a isso? Isso tem alguma importância/influência para ti enquanto atleta?

3. Em termos da tua equipa, podes-me falar um pouco sobre como é a relação entre as colegas?

3.1 Já se conheciam? São amigas? Convivem fora dos treinos? Isso tem alguma importância/influência para ti enquanto atleta?

4. Como é a relação treinador-equipa? O que é que “o treinador” significa para ti enquanto atleta?

5. Pretendes continuar com o Desporto Escolar? O que te motiva a continuar?

5.1 Já alguma vez pensaste em desistir? Porquê?

3. Identificar os objetivos das atletas e as suas experiências na prática de Futsal

1. Praticas alguma modalidade fora da escola? O quê? Federado ou não? Há quanto tempo?

1.1 (se sim-federado em futsal) Como surgiu essa oportunidade?

1.1.1 Sentiste algum tipo de dificuldade/obstáculo em integrar um grupo federado?

1.2 (se sim – federado, mas não é futsal) Como surgiu essa oportunidade?

1.2.1 Porque não optaste pelo futsal?

1.3 (se não) Tens expectativa de integrar uma equipa de futsal federada? (porquê?)

2. O que pretendes atingir ao participar no Desporto Escolar - Futsal? Quais são os teus objetivos? Que importância tem esse objetivo para ti?

3. O que esta experiência trouxe de novo para a tua vida?

4. Conhecer os estereótipos sociais no Futsal feminino: experiências e preconceitos.

1. Já vivenciaste alguma situação em que sentiste preconceito por seres atleta de futsal feminino?

Final

Agradeço-te a atenção e a disponibilidade que tiveste.

Mais uma vez asseguro-te que as informações partilhadas serão usadas apenas no âmbito deste estudo e não será revelada a tua identidade.

Há algo que não foi referido e que entendes que seja importante acrescentar?

Anexo II – Codificação dos Dados Obtidos

Objetivo 1

Identificar as motivações associadas à prática e à escolha do Futsal.

Questão	Categoria	Conteúdo	Entrevistada
O que te motivou a participar no D.E?	Praticar Desporto	“...decidi fazer mais desporto.”	E1
		“Gosto de praticar desporto...”	E4
	Influência de pares	“Uma colega minha falou comigo e perguntou-me se eu queria experimentar e eu fui...”	E2
		“Foi por ter as minhas amigas a jogar cá...”	E3
		“... vim com uma amiga minha e acabei por ficar.”	E6
		“... e também as minhas amigas já estavam cá.”	E7
		“... foram mais as minhas amigas também que me puxaram...”	E8
	Preferência pela Modalidade	“Eu sempre gostei do Futsal...”	E2
		“... vontade de jogar...”	E5
		“Eu sempre gostei de jogar...”	E6
		“Foi o meu gosto pelo Futsal...”	E7
		“... eu sempre gostei do Futsal em si.”	E8
	Ocupação do tempo livre com aproveitamento e prazer	“... para aproveitar os tempos livres.”	E3
	Sociabilidades	“...para conhecer mais pessoas...”	E4
		“...conhecer novas pessoas também.”	E5

Questão	Categoria	Conteúdo	Entrevistada
Optaste pelo Futsal. Porquê?	Praticante de Futsal fora da escola	“Como já jogava...”	E1
		“Uma das grandes razões é porque já pratico Futsal federado..”	E4
	Influência de pares	“Vim com mais umas amigas...”	E1
		“... por as minhas amigas me terem convidado pra ir para lá.”	E4
		“... e como a minha amiga foi para lá, também fui.”	E2
	Diversão	“...foi por divertimento...”	E1
		“A adrenalina de estar dentro de campo.”	E5
	Preferência pela Modalidade	“...e o Futsal é o que eu gosto...”	E1
		“... Eu sempre gostei mais de Futsal...”	E2
		“Porque de todas é a que mais me fascina.”	E5
		“Sempre tive mais inclinação para jogar Futsal e sempre foi uma coisa que gostei.”	E6
		“Porque Futsal é o que eu gosto mesmo de jogar.”	E7
		“Porque é mesmo do Futsal que gosto...”	E8
	Ser uma Modalidade Coletiva	“... as coletivas motivam mais porque há mais apoio...”	E2
	Treino Extra	“... foi uma forma de treinar mais um pouco.”	E3
	Abandono de outra modalidade	“... mas competição de Natação não é para mim.”	E8

Objetivo 2

Identificar os fatores que conferem sustentabilidade à prática de Futsal no Desporto Escolar.

Condições Físicas – Infraestruturas Desportivas				
Questão	Categoria		Conteúdo	Entrevistada
Em relação aos treinos de Futsal que são feitos nesta escola, o que é que te é proporcionado?	Bases técnicas e táticas da Modalidade		“... como não tinha nenhuma bases de Futsal... os treinos ajudam-nos a perceber as táticas...”	E2
			“... mas no início em que cá estive acho que evoluí bastante, porque não sabia bem como fazer uma receção e assim.”	E6
			“Tem-me proporcionado uma melhoria de técnica.”	E8
	Tipo de Treino	Atrativo	“...basicamente é aprender a jogar.”	E2
			“Nos treinos fazemos sempre situação de jogo, ficamos a conhecer as maneiras que o nosso “stor” gosta de jogar e as técnicas para fazer certas coisas.”	E3
			Monótono	“...no início os treinos eram mais rigorosos, fazíamos exercícios e praticávamos. Este ano já não é a mesma coisa, porque as atletas estão mais desmazeladas.”
	Material		“Relativamente ao material, utilizamos o da escola, só trazemos o equipamento de casa.”	E3
			“... o material que precisamos, os equipamentos para os jogos e essas coisas todas.”	E4
			“Acho que a nível de material e de espaço está tudo adequado.”	E6
			“... às vezes temos falta de material...”	E8

	Condições de treino	“Temos boas condições, não há nada com que possa reclamar.”	E1
		“Temos boas condições até, para praticar.”	E3
		“... até nos dá boas condições...”	E4
		“Nos treinos temos todas as condições e são adequados. Aliás comparado com outras escolas não nos podemos queixar.”	E7
		“... as condições do pavilhão não estão muito boas...”	E8
	Frequência semanal	“Tínhamos 2 treinos por semana mas passou a ser só um porque ninguém vinha há segunda-feira...”	E3
		“Dá-nos dois dias de treino, 1h cada um...”	E4

Questão	Categoria	Conteúdo	Entrevistada
(Nas competições) Que condições te são normalmente proporcionadas?	Transporte	“... o ano passado nós tivemos de ir de metro... mas normalmente temos camionetas...”	E1
		“... vamos para lá numa camioneta alugada pela escola.”	E3
	Material	“... a nível de bolas às vezes é um bocado mau...”	E2
		“... nós só temos de levar as sapatilhas mesmo, eles dão-nos os equipamentos da escola.”	E3
		“As bolas é que não são muitas...”	E5
		“... temos tudo o que precisamos.”	E8
	Arbitragem	“...a única má condição são os árbitros mesmo...”	E4
	Infraestruturas	“Depende de pavilhão para pavilhão. Mas no geral as condições são boas.”	E6

Condições Sociais – Suporte Familiar			
Questão	Categoria	Conteúdo	Entrevistada
Qual a opinião dos teus pais ou familiares mais próximos de tu praticares Futsal?	Apoio	“Os meus pais apoia-me. Eles até gostam de ir ver jogos...”	E2
		“... dizem que acham bem eu praticar um desporto.”	E3
		“Sempre me apoiaram e sempre foram eles que me incentivaram a participar em algum desporto.”	E4
		“Primeiro acham estranho... mas eles aceitam e gostam que eu jogue...”	E5
		“O meu pai gosta porque sempre jogou Futsal.”	E7
	Desinteresse	“De início, não me apoiava muito (pai) porque faltava ao trabalho para ir ver jogos do meu irmão e não faltava para ir ver os meus...”	E1
		“... não dão grande importância, nunca me apoiaram nem deixaram de me apoiar, é-lhes indiferente.”	E8
	Interferências	“...desde que isso não interfira com o meu desempenho escolar.”	E2
		“...às vezes chamam-me atenção por passar muitas horas a jogar...”	E3
		“Ao início eles não acharam muita piada por me retirar tempo de estudo.”	E6

Condições Sociais – Suporte de Pares			
Questão	Categoria	Conteúdo	Entrevistada
Qual a opinião dos teus amigos e amigas em relação a isso?	Apoio	“... costumam perguntar-me o resultado...”	E1
		“...até me convidam para ir jogar com eles e tratam-me como uma deles quando estamos a jogar.”	E2
		“...acham engraçado uma rapariga jogar Futsal, porque não conhecem muitas.”	E3
		“Não têm nada contra e apoiam-me.”	E4
		“... às vezes brincam comigo a dizer que jogam melhor do que eu...”	E5
		“...Até vêm ver e tudo.”	E6
		“...estão sempre a motivar-me e até dizem que me devia federar.”	E7
		“Apoiam-me e vêm ver os meus jogos.”	E8
	Admiração	“... gostam de aprender, até me fazem perguntas e pedem-me ajuda nas aulas de Educação Física.”	E3
		“...até se admiram.”	E4
	Partilha de interesse	“...basicamente as nossas conversas é sobre Futsal.”	E1
		“As minhas amigas jogam todas Futsal...”	E5
		“...também jogam e até me dão dicas para melhorar.”	E8

Grupo de Trabalho/Futsal (equipa)			
Questão	Categoria	Conteúdo	Entrevistada
Em termos da tua equipa, qual a relação entre as colegas?	Relação	“Aqui dentro são todas minhas amigas...”	E1
		“O ambiente é bom e somos realmente amigas.”	E2
		“Damo-nos bem.”	E3
		“É muito boa a nossa relação.”	E4
		“É ótima. Somos muito unidas.”	E5
		“Há pessoas que nos damos melhor do que outras mas gosto de todas no geral.”	E6
		“Algumas, já conheço há alguns anos.”	E7
		“Dizem-nos que é raro ver uma equipa feminina tão unida...”	E8

Grupo de Trabalho/Treinador				
Questão	Categoria		Conteúdo	Entrevistada
Como é a relação treinador - equipa?	Amizade		“... é mesmo como amigos.”	E1
			“...podemos considera-lo nosso amigo...”	E3
			“...ele é nosso amigo e apoia-nos muito.”	E5
			“...além de treinador é nosso amigo...”	E7
			“Ele diz-nos várias vezes...para nos divertirmos acima de tudo.”	E8
	Clima	Positivo	“Ele põe-se muito à vontade com a equipa.”	E1
			“...sempre tentou que tivéssemos um ambiente, dentro do balneário e tudo, muito bom.”	E2
			“Temos uma boa relação com o <i>stor</i> .”	E3
			“O <i>stor</i> dá-se bem com todas...”	E6
		Negativo	“...de vez em quando há discussões por causa de falhas dentro do campo...”	E4
			“... a personalidade do <i>stor</i> com a das atletas choca um bocado...”	E5
			Partilha de conhecimento	“...ele fez um bom trabalho na nossa evolução.”
	“..ele sabe muito bem aquilo que faz....”	E4		
	“Ele ajuda-nos imenso. Dá-nos as melhores dicas.”	E8		

Objetivo 3

Identificar os objetivos das atletas e as suas experiências na prática de Futsal

Objetivos no D.E			
Questão	Categoria	Conteúdo	Entrevistada
O que pretendes atingir ao participar no D.E – Futsal?	Vencer a competição	“Ser Bicampeã...”	E1
		“...voltarmos a ser campeãs.”	E2
		“...o objetivo é voltarmos a ser campeãs.”	E3
		“...ser campeã como conseguimos ser o ano passado.”	E4
		“... é ser campeã outra vez, com elas.”	E5
		“Ser campeã.”	E6
	Reestruturar a organização	“...gostava que houvesse um campeonato como no federado.”	E1
	Integrar numa equipa federada	“... um dia poder jogar em grandes equipas.”	E5
		“Quem sabe no futuro integre numa equipa federada...”	E8
	Novas amizades	“Fazer novos amigos, porque todos os anos entra gente nova...”	E7
	Diversão	“Acima de tudo divertir-me sempre.”	E7
	Aprendizagem	“Evoluir cada vez mais...”	E5
		“E evoluir...”	E6
		“Uma melhoria de técnica...”	E8
	Representação a escola	“Pretendo representar bem a escola...”	E3

Experiência na Modalidade			
Questão	Categoria	Conteúdo	Entrevistada
O que esta experiência trouxe de novo para a tua vida?	Novas Amizades	“Trouxe novas amizades...”	E3
		“Conheci novas pessoas.”	E5
		“Pessoas novas, novas amizades...”	E7
	Pequenas alterações de Personalidade	“...aprendi a não levar as coisas tão a sério como costumava levar, a respeitar mais a competição e a não discutir com as minhas colegas...Ter mais calma dentro de campo...”	E4
		“Acho que eu própria mudei...tenho de engolir muitas coisas e isso fez-me crescer.”	E5
		“Se calhar alguma disciplina e controlo.”	E6
	Prática de Desporto Coletivo	“...praticava um desporto e acabava por desistir porque era individual...”	E2
		“A ideia de praticar desporto, de ter uma equipa e de ser um desporto coletivo que é sempre diferente.”	E8
	Maior Conhecimento	“...e novos conhecimentos.”	E3

Objetivo 4

Conhecer os estereótipos sociais no Futsal feminino: experiências e preconceitos

Estereótipos Sociais no Futsal feminino				
Questão	Categoria		Conteúdo	Entrevistada
Já vivenciaste alguma situação em que sentiste preconceito por ser atleta de Futsal feminino?	Não	Apoio	“...até vejo no Facebook a apoiarem a seleção feminina e é fantástico.”	E1
			“Sempre fui respeitada em relação a isso.”	E4
			“Os meus amigos por acaso nisso deram-me sempre apoio.”	E8
		Semelhanças de género	“...já não há aquele preconceito que havia entre um rapaz e uma rapariga a jogar.”	E1
	Sim	Opinião	“...às vezes as pessoas dizem: <i>Ah isso é um desporto para rapazes...</i> ”	E2
			“...talvez bocas que os rapazes mandam durante os jogos.”	E5
			“Tenho um colega que dizia que eu ia ficar parecida com um homem por praticar Futsal.”	E6
		Diferenças de género	“Mas é claro que o Futsal feminino ainda não está ao nível do masculino...”	E2
			“...e diziam que os rapazes são muito melhores e que nem se pode comparar.”	E3

			“...nas aulas de Educação Física... acham que por nós sermos raparigas não devemos jogar com eles porque temos mais dificuldades.”	E7
		Pensamentos	“...porque acham que eu não sei jogar e pensam como a maioria da sociedade...”	E2